

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA E HOTELARIA
CURSO DE BACHARELADO EM HOTELARIA**

DIOGENES SILVERIO FERNANDO JÚNIOR

**MERCURE HOTELS NOVA IGUAÇU: UMA ANÁLISE SOBRE SEU
PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO E FINALIDADES**

**SEROPÉDICA – RJ
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA E HOTELARIA
CURSO DE BACHARELADO EM HOTELARIA**

DIOGENES SILVERIO FERNANDO JÚNIOR

**MERCURE HOTELS NOVA IGUAÇU: UMA ANÁLISE SOBRE
SEU PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO E FINALIDADES**

ORIENTADORA: PROFA DRA GENY FERREIRA GUIMARÃES

**SEROPÉDICA – RJ
2021**

DIOGENES SILVERIO FERNANDO JÚNIOR

**MERCURE HOTELS NOVA IGUAÇU: UMA ANÁLISE SOBRE
SEU PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO E FINALIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, especificamente ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), Instituto responsável pelo Departamento de Economia Doméstica e Hotelaria (DEDH), como parte das obrigações necessárias para obtenção do título de Bacharel em Hotelaria.

Orientadora: Prof^ª. Dra Geny Ferreira Guimarães

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S591m Silverio, Diogenes, 1990-
Mercure Hotels Nova Iguaçu: uma análise sobre seu
processo de implantação e finalidades / Diogenes
Silverio. - Belford Roxo, 2021.
75 f.

Orientadora: Geny Guimarães. Trabalho de
conclusão de curso(Graduação). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Bacharelado em Hotelaria,
2021.

1. Hotelaria. 2. Turismo. 3. Nova Iguaçu. 4. Rede
Accor. 5. Mercure. I. Guimarães, Geny, 1970-, orient.
II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Bacharelado em Hotelaria III. Título.

DIOGENES SILVERIO FERNANDO JÚNIOR

**MERCURE HOTELS NOVA IGUAÇU: UMA ANÁLISE SOBRE SEU
PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO E FINALIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(UFRRJ – Campus Seropédica) como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel em
Hotelaria.

Aprovada em: __/__/__.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra Geny Ferreira Guimarães
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Orientadora

Prof. Dr. Dan Gabriel D’Onofre Andrade Silva Cordeiro
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Examinador

Prof. Dr. Rodrigo Amado dos Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Examinador

DEDICATÓRIA

Às memórias de Maria Lúcia Silverio, Dierson Soares e Leonardo Bernardo da Silva, pessoas que me incentivaram a seguir estudando, mesmo em meio a todas as dificuldades.

À Ercilia Paula de Figueiredo da Fonseca, Elen Márcia Figueiredo da Fonseca e Julymary Figueiredo Fonseca fortes mulheres que me orientaram em todos os momentos que precisei.

A Diogenes Silverio Fernando por ser um grande exemplo de pai em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Venho por meio desta, prestar meus sinceros agradecimentos, primeiramente a Deus por todas as experiências que me propiciou ao longo dos anos que tenho de vida, a Ele toda honra, toda a glória e todo louvor.

A minha mãe Elen Márcia Figueiredo da Fonseca e ao meu pai Diogenes Silverio Fernando, que me estruturaram para tal jornada, acreditando em minhas escolhas, incentivando meus passos e apoiando minhas decisões.

A minha irmã Thainá Fonseca Fernando, pelas inúmeras vezes que me ouviu, orientou, orou por mim e me trouxe paz, seja por meio de conversas presenciais ou a distância.

A minha esposa Marília da Silva Paula Cruz, por ser uma pessoa incrível, me aturar nos meus piores momentos, me incentivar nos momentos de desgastes, pelas inúmeras leituras e auxílio durante as correções e ver outras formas de contemplar as vitórias que Deus nos concede.

Aos meus colegas de alojamento, que usaram de toda sua hospitalidade e paciência ao me acolher, sem o qual não conseguiria dar continuidade a minha graduação, em especial aos veteranos Rafael Francisco Gomes dos Santos, Leilson Novaes Arruda, Leandro Santos da Costa, Almir Ribeiro de Carvalho Júnior e Rafael de Andrade Amon. Aos que chegaram depois com novas filosofias, Danilo de Oliveira Pereira, Alexandre Nunes Skalitzis Junior, Djalma Lucas Batista e Hugo Barcelos Siqueira companheiros ao qual dividi dificuldades tanto acadêmicas quanto econômicas, lutas, vitórias e conselhos que levarei para vida.

Aos meus colegas de andar, Alex Sandro da Cruz Damasceno, Ednaldo Flauzino de Lima e Leonardo da Costa Valle, que dividiram recursos, contribuições, indicações de leituras e lições que jamais esquecerei.

Ao professor, Márcio Rufino por toda sua paciência tanto para me ajudar a definir meu objeto de estudo, quanto nos estágios iniciais do desenvolvimento deste trabalho.

A professora Geny Ferreira Guimarães, um anjo que Deus pôs na minha vida acadêmica para me ensinar e capacitar, sempre com uma dedicação ímpar, sendo para mim o sinônimo de excelência.

A meus professores de curso de hotelaria, Maria Lúcia, Salomé, Stella Sousa, Ana Paula, Oswaldo, Sergio de Oliveira Domingues, Gilson, Lélío Galdino e Rodrigo Amado, que

agregaram sua jornada e conhecimento em suas aulas, me permitindo entender a melhor forma de aplicar minha formação no meu dia-a-dia, principalmente os ideais de hospitalidade.

Ao profissional mais importante do curso de hotelaria, Marconi Silveira Costa, que em todos os meus anos de estudo sempre agregou aos alunos do curso, seu conhecimento, profissionalismo e entrega, estando sempre disponível.

Peço a Deus que da mesma forma que me sinto abençoado por conhece-los, eu possa abençoar com os saberes que obtive.

Honrai a todos. Amai a fraternidade. Temei a Deus.
Honrai o rei.
1 Pedro 2: 17

RESUMO

Este trabalho visa indagar sobre a implantação do hotel Mercure da rede Accor no município de Nova Iguaçu, observando a natureza de sua escolha. Para esta pesquisa optamos por abordar o assunto, em primeiro lugar, realizando um levantamento bibliográfico de materiais fornecidos pela rede Accor e por autores que já mencionaram algo a respeito sobre a rede. Também, apontamos historicamente uma breve reflexão do desenvolvimento do turismo, hospitalidade e hospedagem, incluindo informações sobre o segmento hoteleiro no mundo e no Brasil, passos fundamentais para compreendermos os desdobramentos histórico-territoriais de Nova Iguaçu e base para o entendimento da introdução da rede Accor no município. Levamos em conta as abordagens acerca do fator acolhimento, concebido como um paradigma que envolve o ato de hospedar, transformado em ofício dentro do turismo e relacionado ao desenvolvimento histórico e social das cidades. Descrevemos a importância histórica de Nova Iguaçu na formação da região da Baixada Fluminense, assim como a trajetória da rede Accor localmente, sua chegada ao Brasil e sua implantação em Nova Iguaçu por meio da marca Mercure.

Palavras-chave: Hotelaria; Turismo; Nova Iguaçu; Rede Accor; Mercure.

ABSTRACT

This work aims to investigate the implementation of the Mercure hotel from the Accor group in the municipality of Nova Iguaçu, observing the nature of its choice. For this research, we chose to approach the subject, firstly, by performing a bibliographical survey of materials provided by the Accor group and authors who have already mentioned something about the group. Also, we pointed out historically a brief reflection of the development of tourism, hospitality, and lodging, including information about the hotel segment worldwide and in Brazil, fundamental steps to understand the historical-territorial unfoldings of Nova Iguaçu and basis to understand the introduction of the Accor group in the city. We take into account the approaches about the hospitality factor, conceived as a paradigm that involves the act of hosting, transformed into a craft within tourism, and related to the historical and social development of cities. We describe the historical importance of Nova Iguaçu in the formation of the Baixada Fluminense region, as well as the history of the Accor group locally, its arrival in Brazil, and its implementation in Nova Iguaçu through the Mercure brand.

Keywords: Hospitality; Tourism; Nova Iguaçu; Accor group; Mercure.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01: Sistema de pontuação por Status	51
Figura 02: Benefícios durante a reserva	52
Figura 03: Benefícios durante a estadia	52
Figura 04: Outros benefícios durante a estadia	53
Figura 05: Os hotéis Accor Live Limitess pelo mundo	53
Figura 06: Antiga tarifa de pontos	54
Figura 07: Tarifa reajustada	54
Figura 08: Fachada do hotel Mercure e área da piscina	58
Figura 09: Entrada do hotel Mercure	59
Figura 10: Quarto <i>classic</i> com duas camas de solteiro do hotel Mercure	60
Figura 11: Quarto <i>classic</i> com cama de casal do hotel Mercure	60
Figura 12: Quarto superior com cama de casal <i>Queen Size</i> do hotel Mercure	61
Figura 13: Quarto superior com ambiente de estar do hotel Mercure	62
Figura 14: Banheiro privativo do hotel Mercure	62
Figura 15: Sala de academia do hotel Mercure	63
Figura 16: Sala de reuniões do hotel Mercure	63
Figura 17: Sala de conferências do hotel Mercure	64

ÍNDICE DE REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS

Representação Cartográfica 01: Território de Nova Iguaçu antes das emancipações.	39
Representação Cartográfica 02: As emancipações em Nova Iguaçu	45
Representação Cartográfica 03: As regiões do Rio de Janeiro	47
Representação Cartográfica 04: Localização e Entornos	58

ÍNDICE DE SIGLAS

EMBRATUR: Empresa Brasileira de Turismo.

MV: Municípios Vizinhos

SIEH: Société d'Investissement et d'Exploitation Hôtelières

UH's: Unidades de Habitação

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Períodos Históricos no Turismo

19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE OS DESDOBRAMENTOS DO TURISMO, HOSPEDAGEM, HOSPITALIDADE E HOTELARIA.	18
1.1. A apresentação dos períodos históricos do turismo, as fases iniciais dos meios de hospedagem e uma breve reflexão sobre hospitalidade.	18
1.2. Os desdobramentos históricos do turismo, as transformações dos meios de hospedagem e o surgimento da hotelaria nos moldes que conhecemos.	24
1.3. A apresentação dos núcleos urbanos e as primeiras hospedagens do Brasil colonial.	30
1.3.1. A apresentação dos núcleos Urbanos Coloniais.	30
1.3.2. A hospitalidade colonial e os passos iniciais da hospedagem comercial	33
1.4. O contexto histórico das mudanças: os meios de hospedagem no cenário nacional.	34
CAPÍTULO II: A FORMAÇÃO TERRITORIAL DE NOVA IGUAÇU E O SURGIMENTO DA BAIXADA FLUMINENSE.	39
2.1. Formação histórico territorial de Nova Iguaçu.	39
2.2. Construção da identidade emancipacionista.	43
2.3. A formação inicial da Baixada Fluminense por meio das Emancipações.	44
CAPÍTULO III: A REDE ACCOR E A ENTRADA DA MARCA MERCURE EM NOVA IGUAÇU.	49
3.1. A rede Accor e um breve histórico sobre sua formação.	49
3.2. Programas de fidelização da rede Accor.	51
3.3. A marca Mercure Hotels no Brasil	56
3.4. Mercure Nova Iguaçu	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

A história da hospitalidade, hospedagem e da hotelaria, apresentam variados contextos durante o passar dos anos. Cada um dos termos está vinculado a mudanças ocorridas nos mais variados eixos urbanos de diferentes períodos, apresentando um desenvolvimento estrutural que acompanha mudanças ocorridas também, no meio político, econômico e social do mundo. No qual, conforme os eixos urbanos se desenvolvem e obtêm relevância, seja ela de natureza comercial, econômica ou política, também se desenvolvem as práticas e costumes nos campos do turismo, hospitalidade e hospedagem.

Esse conjunto de mudanças e desenvolvimento agrega valor a tais práticas, podendo criar uma nova significância a um determinado costume. Como abordaremos posteriormente, o caso dos jogos olímpicos na Grécia antiga, crescendo a tal ponto que se tornou necessária medidas e ações para comportar o crescente fluxo de visitantes. Essas mesmas medidas, auxiliaram na transformação dos jogos, passando a ter uma relevância não só cultural como política e econômica.

Assim podemos observar como esses elementos se constituem e se complementam para melhor entender nosso objeto de estudo, o hotel Mercure, localizado em Nova Iguaçu e a tentativa de compreensão dos motivos que levaram a escolha dessa localidade. Foi necessário buscar algumas informações sobre a construção histórica e territorial, com a finalidade de estabelecer, como seus desdobramentos mantiveram sua importância e deram origem a uma nova região política, onde mais tarde, veio a despertar o interesse da rede Accor, para a construção do hotel no município.

O hotel foi estabelecido na localidade em 2012, algo despertou certa curiosidade por parte do autor. À primeira vista, entender como o município em questão possuía em seu território uma bandeira de tão grande peso na indústria hoteleira, acarretando em um outro passo, saber a natureza de escolha da marca pela localidade de Nova Iguaçu, não só do ponto de vista da marca, mas do ponto de vista histórico das relações entre o seguimento hoteleiro e o local de implantação.

Neste trabalho, também se propôs entender como se deu a implantação do hotel Mercure em Nova Iguaçu, assim como também, observar a trajetória da rede Accor até sua chegada ao Brasil e sua entrada em Nova Iguaçu por meio da marca Mercure. A proposta está em observar quais aspectos identificam a marca à Nova Iguaçu, desde sua história até sua atual

localização no município. Sendo o ponto chave da pesquisa a seguinte indagação: O que trouxe a vinda da bandeira Mercure para o município de Nova Iguaçu?

Partimos então, de uma breve reflexão histórica, para entender como se deram as mudanças no turismo com o passar dos anos. Assim como, tentamos evidenciar, os principais motivos que levam as pessoas a frequentar outros lugares. Através dessa reflexão sobre o turismo, buscamos também observar a história do município de Nova Iguaçu. Como se deu sua formação e fragmentação territorial, para compreender, num contexto de mudanças e reestruturações, a chegada da marca Mercure. Onde, assim como o turismo se iniciou com os deslocamentos, Nova Iguaçu se notabilizou por suas vias de acessos e deslocamentos por seu território.

Assim, buscamos o levantamento de dados sobre a rede Accor, o hotel Mercure e o município de Nova Iguaçu. Esse levantamento consistia em três partes, o bibliográfico, o trabalho de campo e entrevistas. Através do levantamento bibliográfico, seria contado a história da rede, da marca e do município. Já no trabalho de campo, poderíamos observar certas especificidades que não aparecem nos documentos. E a etapa final, consistiria na aplicação de uma entrevista com um representante da marca no hotel. Porém, foram necessários ajustes na metodologia, uma vez que nos encontramos numa situação de pandemia por COVID-19 e suas variantes, sendo preciso aglutinar materiais sobre a marca, advindos de suas próprias fontes e de outros pesquisadores, sendo estes pulverizados em várias instituições. É válido lembrar, que grande parte dos materiais disponibilizados pela rede estão em inglês, mesmo sendo uma das maiores marcas na América do Sul, local onde iniciou sua expansão¹.

A partir da situação posta, a pesquisa estrutura-se da seguinte forma; no primeiro capítulo: *Uma breve reflexão sobre os desdobramentos do turismo, hospedagem, hospitalidade e hotelaria*, buscamos apresentar do ponto de vista histórico como se deram o desenvolvimento do turismo, da hospitalidade, da hospedagem e de mesmo modo a chegada da hotelaria na era industrial europeia, assim como descrever o desenvolvimento das hospedarias brasileiras oriundas do sistema colonial e os desdobramentos do segmento de hospedagens com o passar dos anos. A relevância histórica dos acontecimentos e dos desdobramentos do primeiro momento das hospedarias em variadas partes do mundo e no Brasil, nos fazem pensar como se

¹ A seguinte expansão refere-se a cadeia hoteleira internacional da rede Accor, ao qual na época, não se dispunha de recursos financeiros para o capital periférico, pois seu planejamento era voltado para se consolidar na Europa e nos Estados Unidos, porém, como o Brasil era o país do “milagre” econômico, viu-se a oportunidade de se implantar um de seus hotéis, com um terço do valor financiado pela EMBRATUR, incentivo dado na época para empresas que buscavam se consolidar no país, segundo Pereira, 2006.

deu a construção da cadeia produtiva hoteleira e como se tornou algo tão grandioso, mesmo mediante a algumas mudanças de ambientes políticos, econômicos e culturais.

No segundo capítulo: *A formação territorial de Nova Iguaçu e o surgimento da Baixada Fluminense*, optou-se por fazer um breve levantamento histórico da localidade que abriga nosso objeto de estudo, trazendo a importância de Nova Iguaçu, seus desdobramentos histórico-territoriais e como esses culminaram na criação e na identidade da Baixada Fluminense. Mostrando como o município de Nova Iguaçu, que em sua construção apresenta as mais variadas mudanças e adaptações de suas frentes, recebe em seu território a marca Mercure, influenciando mais uma vez na Baixada Fluminense, só que dessa vez no nicho de *midscale*² na região.

No terceiro capítulo: *A rede Accor e a entrada da marca Mercure em Nova Iguaçu*, buscou-se trazer um breve histórico sobre sua formação apresentando como a rede Accor se iniciou, consolidou e expandiu, mostrando algumas de suas contribuições para o ramo hoteleiro, principalmente as ações que popularizaram o segmento *midscale* no mercado europeu, sua chegada no território brasileiro e como funcionam seus programas de fidelização. Esse capítulo pode ser dividido em duas fases, na primeira, temos o histórico da rede Accor e seus programas de fidelização e na segunda, trazendo a entrada da rede Mercure no Brasil e em Nova Iguaçu. Contudo, é válido entender de antemão, que quando o nome Mercure é citado como rede, abrange uma escala maior, envolvendo as duas bandeiras que compõem a marca, sendo ambas pertencentes a Accor.

Com isso tentamos entender como se deram a entrada da rede em Nova Iguaçu e qual fora o nicho de mercado pretendido, assim como apresentar as identificações entre a marca e o município que a hospeda.

² Hotéis com a faixa de preços em média escala.

CAPÍTULO 1: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE OS DESDOBRAMENTOS DO TURISMO, HOSPEDAGEM, HOSPITALIDADE E HOTELARIA

Não vos esqueçais da hospitalidade, porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram anjos.
Hebreus 13:2.

1.1. A apresentação dos períodos históricos do turismo, as fases iniciais dos meios de hospedagem e uma breve reflexão sobre hospitalidade

Para melhor apresentar a história do turismo, buscamos evidenciar as fases do turismo mediante a períodos históricos. Pois, após pesquisas exaustivas sobre o assunto, observamos que diversos autores dialogam sobre o turismo, dividindo o assunto em períodos históricos. Desses autores, procuramos observar as periodizações que possuíssem ideias, que fornecessem uma melhor divisão histórica do turismo. Assim, observamos as autoras Cisne e Gastal (2010) e Thomazi e Baptista (2018).

A partir da visão de Cisne e Gastal (2010), as autoras apresentam duas divisões periodizadas do turismo; a primeira, segundo o fator tecnologia e a segunda, de forma mais ampla, dialogando e confrontando autores.

A primeira visão das autoras, permite o olhar histórico de uma maneira bem específica, porém, com ideias pulverizadas entre os autores citados. Sendo necessário dividir cada período, entre os autores utilizados para compor a obra. A segunda perspectiva, aborda três divisões principais: Pré-Turismo, Turismo Industrial e Pós-Turismo. Sendo o Turismo Industrial subdividido entre: Turismo Industrial Primitivo, Turismo Industrial Maduro e Turismo Pós-Industrial. Onde, mesmo com essa abordagem, os tempos históricos ainda são segmentados, com base nos autores confrontados com essa divisão principal.

Assim, optamos por escolher ideias, com o intuito de melhor orientarmos, sobre os tempos históricos do turismo, e que pudessem ser seccionados em períodos distintos. Por esse fator, observamos a divisão histórica apresentada por Thomazi e Baptista (2018).

Para melhor descrever os períodos históricos, buscamos evidenciar os tempos históricos do turismo através do olhar que as autoras Thomazi e Baptista (2018) compartilham em relação a visão de mundo da hotelaria e do turismo, estabelecendo um melhor alinhamento de ideias em relação ao âmbito nacional. No qual, segundo as autoras Thomazi e Baptista (2018), a maioria dos autores não subdivide a história do turismo em períodos específicos, e os

demais autores utilizados como suporte, em geral, trabalham a partir de um panorama mundial. Também foram utilizados outros autores como suporte, para melhor explicar os períodos, que por sua vez, culminou em mais informações históricas sobre o turismo.

Quadro 1 – Períodos Históricos no Turismo



Fonte: Thomazi e Baptista, p. 221, 2018, adaptado a partir de Boyer (2003), Pires (2002), Rejowski (2005), Barretto (2008), Barbosa (2002), Pereira e Coutinho (2007) e Confederação Nacional do Comércio (2005).

O quadro anterior é importante para situarmos a história do turismo de maneira condensada. Como por exemplo, durante o período da Proto-história do turismo, ocorreram os primeiros deslocamentos humanos derivados das mais variadas razões, seja da perspectiva da fé, da religião, da sobrevivência ou do refúgio samaritano³. Embora, “na cidade antiga, a hospitalidade era um processo que começava com a identificação, depois a admissão, sob reserva, de um estranho” segundo Grinover (2009, p. 06), ou seja, acolhia-se com ressalvas. Tornando-se um fator crucial para motivar um deslocamento proposital, pois o homem sempre viajou e ainda viaja desde os tempos mais remotos da humanidade (AMARAL JÚNIOR, 2008)

³ Samaria foi uma cidade bíblica situada próximo a Judéia que, pessoas que cometiam crimes não poderiam ser penalizadas pelos judeus, portanto uma cidade refúgio para pessoas que queriam mudar de vida, ou ocultar sua presença das autoridades.

e isso independe do fator acolhimento. Onde segundo a visão de Perazzolo, Pereira e Santos, tratamos o termo da seguinte maneira:

Ressalte-se que o termo acolhimento é aqui intencionalmente adotado com o objetivo de marcar a ideia de que acolher é, ou deve ser, um fenômeno inerente ao ato de hospedar, e que envolve um conjunto de processos e procedimentos cuja natureza o distingue de outras alternativas de suporte turístico, como a “locação de espaço” que sedie a privacidade de sujeitos por algum tempo, mesmo quando na condição de turistas, tal como ocorre no aluguel de apartamentos, por exemplo. (PERAZZOLO, PEREIRA E SANTOS, 2010, p. 02)

Todavia, o turismo como fenômeno socioeconômico apresenta diferentes raízes históricas, “As raízes históricas são apresentadas como estando no Egito Antigo e na Grécia Clássica, no Império Romano, no século XIX e até mesmo no período imediatamente posterior a II Guerra Mundial” (AMARAL JUNIOR, 2008; FRATUCCI, 2008; PEREZ, 2009; KNEBEL, 1974; LEIBER, 1983; PADILLA, 1997) apud (CARVALHO, 2017, p. 02).

Esse ponto resgata para este debate, a importância primordial do Egito Antigo em ações relacionadas ao turismo, pois, assim como os sumérios, apresenta registros grifados de suas ações, passando adiante indícios concretos de suas realizações como por exemplo, suas cruzadas. Assim é possível trabalhar com a possibilidade do resgate de sua memória, Amaral Júnior, legítima esta visão através de um desses registros, onde:

Há 5000 anos (a.C.), os egípcios organizaram e conduziram as primeiras cruzadas. Provavelmente a primeira viagem com propósitos de paz e turismo tenha sido feita pela rainha Hatshepsut indo para as terras de Punt, ao norte da África em 1480 a. C. Registros dessa viagem estão gravadas nas paredes do Templo de Deit El Bahari em Luxor (AMARAL JÚNIOR, 2008, p. 34).

O acréscimo de tamanha civilização cria um ponto chave da perspectiva do turismo para essa pesquisa, sendo esta, dentre as civilizações antigas a que mais se destaca em termos de registros e tecnologia. Vide suas pirâmides, consideradas um dos maiores mistérios, que até os dias de hoje, a engenharia contemporânea não consegue replicar. Essa mesma civilização possuía, costumes e tradições ligadas a hospitalidade, que com o passar dos anos ainda podem ser observadas nos moldes atuais.

Ao se evidenciar o ponto de vista dos deslocamentos humanos e suas variadas razões, pode –se compreender que os motivos de sua existência persistem até os dias de hoje. Todavia ao introduzirmos o turismo africano, evidenciado pelo Egito, entende-se que há outros motivos para se promover deslocamentos, para além dos já mencionados, como o caso supracitado, das

viagens casuais. Assim dá-se a entender, que demais povos antigos, mesmo antes de se ter registros concretos, faziam suas viagens por outras necessidades.

Pode-se melhor analisar ainda em 2700 a. C., o povo do Egito ergue as primeiras pirâmides, os quais atraíam pessoas por razões de curiosidade, religiosidade ou simplesmente por diversão (AMARAL JÚNIOR, 2008). Os egípcios também se deslocavam para a aquisição de presentes para amigos e familiares, sendo o mensageiro de faraó do Sudão Harkhuf o pioneiro nessas viagens; em 1800 a. C. por motivos de celebrações e festivais ao qual os mais populares eram: Busastis, Busiris, Said e Heliópolis segundo Amaral Júnior (2008).

Porém, estruturas com fins para hospedar viajantes só se tem registros na Grécia Antiga, onde:

Vinculam-se principalmente à busca de melhores condições de vida e morada, à realização de trabalhos específicos e temporários, às práticas de negócios, aos contatos de natureza política, e à participação em atividades esportivas, como quando da realização dos jogos olímpicos na Grécia Antiga, eventos que (...) marcam as primeiras notícias sobre as estruturas físicas para hospedagens (CAMPOS, 1998 apud PERAZZOLO, PEREIRA E SANTOS, 2010, p. 02).

Levando em conta esse apontamento, foi somente durante o século XVI a.C., onde as tabernas, que até então eram acomodações mistas que serviam alimentos, bebidas e entretenimento, passa a se tornar – com o incremento do comércio – meios de acomodação para viajantes (THOMAZI e BATISTA, 2018). Segundo Confederação Nacional do Comércio, 2005 apud Belchior e Poyares, 1987, as tabernas eram locais onde se criavam vínculos míticos de hospitalidade através do compartilhamento de comida e bebida no mesmo estabelecimento.

Somente por volta do século VIII a.C., há evidências da construção de acomodações para turistas, sendo os jogos olímpicos o catalizador para este fim (THOMAZI e BATISTA, 2018), aja vista que duravam longo de cinco dias (AMARAL JÚNIOR, 2008), por conta disto foram construídas diversas estruturas, com cunhos de recepcionar os jogos (como estádios, pódios etc.) assim como também acomodações para os visitantes, balneários e a construção de estradas (THOMAZI E BAPTISTA, 2018). Ainda segundo Amaral Júnior:

Mas, se o deslocamento de pessoas e animais se davam por simples trilhas, pois assim era possível, com o advento da roda, as primeiras estradas foram surgindo, sendo pioneira, em 2050 a. C., a que ligavam Nippur a Ur na Mesopotania e tinha cerca de 160 Km. Depois vieram as estradas da ilha de Creta (2000 a 1500 a. C.), e as da Grécia (de 1600 a 1200 a. C.), posteriormente as estradas uniriam cidades maiores. Alexandre, o Grande, fundou a mais desenvolvida para a época, em 326 a. C. na Índia. Já na Pérsia em 500/400 a. C. as cidades e províncias eram conectadas com a capital Susa. Em 150 a. C. foi a vez dos Romanos inaugurarem a sua estrada, e em dois a três

séculos depois, contavam com uma malha de estradas que somavam mais de 80.000 km em todo território compreendido pelo seu império (AMARAL JÚNIOR, 2008, p. 35)

A priori, a criação das estradas, causa impactos massivos nos números de hospedarias, mais precisamente do século VI a. C. ao século I d. C, mediante observação que, “dos primeiros deslocamentos inerentes a condição nômade da humanidade, passou-se para o surgimento de motivações específicas para produção do movimento e a emergência de viagens de lazer” (THOMAZI E BAPTISTA, 2018, p. 222).

Os percursos de estradas criados até então, influíram diretamente na criação de tabernas ao longo das vias e das primeiras formas de hospitalidade local da época, onde:

Ainda na Roma Antiga, com a execução dos projetos de expansão e de controle político, foi incrementada a estratégia de construção de estradas e intensificadas as viagens pelos territórios de domínio do império. Disso resultou a criação de abrigos ao longo de pontos específicos nas diferentes rotas e o desenvolvimento de culturas de hospitalidade, de critérios de diferenciação de padrões de serviços e de normas a serem observadas (PERAZZOLO, PEREIRA E SANTOS, 2010, p. 03).

Essas construções, determinaram o amplo domínio político das locomoções, na Roma Antiga, sacramentando as viagens políticas dentro dos territórios do império, iniciando o movimento de hospitalidade urbana de maneira estrutural, trazendo sentido abordar o início da hotelaria, partindo do que abrange a hospitalidade algo essencialmente importante, mas vinculada a indústria hoteleira. (KORSTANJE, 2010 apud CARVALHO, 2017).

A locomoção de viajantes com grande poder aquisitivo, culminou nas primeiras demandas para a criação de hospedarias de luxo, próximos aos destinos, onde:

Eram, também, construídos estabelecimentos que primavam pelo luxo das acomodações, pela proximidade aos locais para onde se dirigiam visitantes. Porém, havia um expressivo número de hospedarias mais modestas, mais afastadas, frequentadas por viajantes menos refinados, que constituíam núcleos de estabelecimentos similares. De acordo com Nacif (2004), a Via Appia foi assim denominada desde a época em que várias hospedagens foram lá construídas e, dentre as características do local, destaca-se o fato de que em seu interior costumavam ocorrer orgias, crimes e desordens (PERAZZOLO, PEREIRA E SANTOS, 2010, p. 03).

Desse modo entende-se que a cultura greco-romana fora responsável pela expansão das acomodações e o desenvolvimento multicultural da hospitalidade na Europa (PERAZZOLO, PEREIRA E SANTOS, 2010). Esse movimento pode ter sido benéfico aos

européus e a culturas que compõem as chamadas “europeidades” formados pelas quatro diferentes culturas: greco-romana, judaico-cristã, celta e germano-nórdica (KORSTANJE, 2011a apud CARVALHO, 2017)

Segundo Carvalho (2017) o turismo foi estruturado de acordo com as influências das quatro culturas supracitadas, ditas pelo mesmo como “mitológicas”, que possibilita, reconhece e compreende as origens do turismo através dos aspectos míticos. Entretanto, as influências para o turismo como conhecemos hoje, perpassam por outras culturas continentais, como no caso da africana, citada aqui através do Egito.

Porém, as posturas não só de Carvalho (2017), como demais outros autores, em relação aos conceitos já estabelecidos, a respeito das origens da estrutura do turismo serem influenciadas de acordo com as europeidades, não se sustenta em sua totalidade, pois essas não são as únicas civilizações mundo a fora com conceitos estabelecidos de sociedades, tão pouco as primeiras a realizar os parâmetros de turismo e hospitalidade de forma estrutural.

Entretanto alguns conceitos de turismo e hospitalidade são atribuídos apenas algumas poucas culturas europeias (CARVALHO, 2017), podendo representar um eurocentrismo e um esvaziamento da importância de demais grupos étnicos. Por isso, posturas que alegam convicções ou que apresentem descontinuidades históricas, foram apresentadas no presente trabalho como forma de exemplificar como a falta de acesso a determinadas informações e a ausência de uma visão crítica pode nos induzir a erros.

Assim entendemos que, sem possuir total conhecimento sobre a precisão de tempo e o lugar em que se iniciaram as primeiras viagens dos seres humanos, torna-se possível imaginar que, o deslocamento de seres humanos a outras localidades, faz parte da nossa cultura ancestral, juntamente com as necessidades dos seres humanos na busca por alimento. Ainda assim pode-se entender que as locomoções afetaram significativamente o encontro entre diferentes culturas, culminando em posturas distintas, sendo elas hostis ou hospitaleiras, dando origem não só aos primeiros pensamentos da hospitalidade que conhecemos hoje, como também aos conflitos, sejam eles históricos ou recentes e pelos mais variados motivos, pois:

A hospitalidade, de acordo com os já clássicos estudiosos do assunto, implica a ultrapassagem de um espaço e a implantação de um ritual de acolhimento. Acolher o outro significa, então, aceitá-lo e recebê-lo no lugar onde nos encontramos: na nossa casa, na nossa cidade, colocando à disposição do outro o melhor de nós: o melhor do que possuímos como anfitriões. (GRINOVER, 2009, p. 06)

Essa maneira de se associar a hospitalidade, atribui-se não só ao fator acolhimento, como também a relação de reciprocidade que segundo Mauss (1931a) apud Sabourin (2008) não quer dizer que esta, seja uma relação de igualdade, mas um valor ético compartilhado pelas partes. O que nos possibilita pensar a maneira de acolher o próximo da mesma forma que se quer ser acolhido, por mais que seja dentro das devidas limitações culturais. Porém, ainda que essas limitações possam ter peso direto no fator acolhimento, de maneira mais ampla, entende-se que o turismo apresenta, não só virtudes associadas, à religião, aos negócios, à política, ao lazer, à fuga, à curiosidade, às atividades esportivas entre outros, como também conflitos causados pelos mesmos motivos desde os primórdios, em variadas civilizações.

1.2. Os desdobramentos históricos do turismo, as transformações dos meios de hospedagem e o surgimento da hotelaria nos moldes que conhecemos

A partir da construção da grande malha de estradas no Império Romano por volta de 27 a. C. a 476 d. C. como citado anteriormente, longas viagens foram geradas na busca pelo bem-estar como relata Amaral Júnior (2008), possibilitadas através da criação de termas, que consistiam em ser acomodações luxuosas com cômodos privativos e de diferentes tamanhos. Essas mudanças estruturais nos interiores desse tipo de hospedarias, restringiu o acesso às termas a um nicho de pessoas com poder aquisitivo elevado, pois somente mediante ao pagamento de grandes valores, tinha-se acesso a este tipo de estabelecimento (AMARAL JÚNIOR, 2008). Principalmente após a descoberta das propriedades curativas do uso de fontes termais na cidade belga de Spa, dando esse, origem ao nome do tipo de estabelecimento com os devidos fins. As termas também disponibilizavam uma medida de conforto e privacidade diferenciados dos demais estabelecimento da época, fornecendo águas quentes de composição mineral, também usados para tratamentos de saúde segundo Amaral Júnior, 2008; Mourão, 1997 apud Perazzolo, Pereira e Santos, 2010; Thomazi e Baptista, 2018).

Todavia, o turismo mudou muito ao longo dos anos, com isso, algumas concepções iniciais não existem mais, contudo foram substituídas por outras. Algumas estruturas, que foram antecedentes ao turismo ou até mesmo lhe deu origem, caíram em desuso em diversas partes do mundo. Como por exemplo, as antigas e históricas termas romanas, que nos dias de hoje não são mais utilizadas como meios de hospedagem, mas ainda cumprem um papel fundamental como museu. Um dos melhores exemplos se encontra na cidade de Bath na Inglaterra, um dos

locais que foi ocupado pelo império romano por volta de 60 d. C., no qual se encontram as termas romanas de Bath ou *romans Bath*⁴.

O império romano se consolidou como o maior do mundo ocidental incluindo uma parcela considerável da Europa, grande faixa do Oriente Médio, chegando até o norte da África, abrangendo desde a Inglaterra até a Mesopotâmia. Durante a *Pax Romana*, viveu quase dois séculos de um relativo período de paz, onde se estabeleceu o cessar das guerras de conquista, porém permaneceu sob um forte comando militar. Os romanos também foram responsáveis por protagonizar sessões de entretenimento, promovidos por meio de batalhas em coliseus, atraindo um enorme volume de pessoas, reforçando a visão de que os romanos foram grandes responsáveis pela origem das viagens de saúde e lazer, nos moldes como conhecemos hoje. (AMARAL JÚNIOR, 2008; CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2005)

Um outro importante passo a respeito das hospedarias, consiste nas mudanças de hábitos ocorridos no período das Viagens Obrigatórias, iniciadas no século II ao século X, onde a partir do fim da Pax romana – promovida pelo imperador Augusto César 29 a. C. e durou até 180 d. C com a morte de Marco Aurélio – ocorre a queda do Império Romano por volta do ano 476 d. C., as sucessivas guerras dificultaram o comércio e danificaram as estradas, marcando o início das viagens por motivos de fé -e o declínio das viagens de lazer- iniciados pela era cristã com a criação da igreja do Santo Sepulcro (326 d. C.). Através da expansão do cristianismo no mundo, multiplicaram-se as peregrinações a Jerusalém, porém, somente após o século VI d. C. a cidade de Roma foi inclusa no roteiro. Mais adiante do mesmo século os seguidores de Maomé iniciavam suas viagens a Meca. (AMARAL JÚNIOR, 2008; BADARÓ, 2000 apud THOMAZI E BAPTISTA, 2018)

A princípio, as peregrinações a cidade de Compostela na Espanha, ocorridas a partir da descoberta do túmulo de Thiago Maior, ganham destaque, pois nesse ponto as atividades turísticas na cidade foram intensificadas segundo Amaral Júnior (2008) e Thomazi e Baptista (2018). Por meio das peregrinações, criou-se uma emergente demanda que, norteou a inserção do acréscimo de pousadas e estabelecimentos administrado por padres, religiosos ou escravos, que se destacavam por ser próximos a locais religiosos (THOMAZ E BAPTISTA, 2018).

Nesses locais, a hospitalidade passa a ser essencialmente, vinculada ao sentido de hospitalidade clássica, segundo o conceito de Grinover (2009), buscando satisfazer necessidades básicas, como em determinados casos, segurança, reconforto e afeto por meio de uma relação gratuita. Dentre esses, também temos o exemplo dos paradores. Por sua

⁴ Disponível em: <https://www.viajonarios.com.br/termas-romanas-de-bath/>. Acessado em: 28 de Maio de 2021.

semelhança com castelos, mosteiros e mansões, hoje são locais que não mais abrigam viajantes, pobres ou peregrinos, e fazem parte da hotelaria de luxo⁵ na Europa.

As peregrinações também ocorriam no mundo oriental, na China, um dos trajetos milenares ocorre na grande muralha, construída a pelo menos 2600 anos, porém outras culturas também realizavam viagens por motivos religiosos, como no caso dos hindus, budistas, mulçumanos e demais crenças segundo Amaral Júnior (2008). Assim como as termas, as rotas iniciadas por peregrinos também perderam seu cunho original, passando a fazer parte do turismo de uma outra maneira. Como exemplo, o caminho de Santiago de Compostela, é um percurso de quase 80 Km, e nos dias de hoje é utilizada como uma rota turística na Espanha⁶.

No entanto, para as autoras Thomazi e Baptista (2018), as hospedarias como forma de negócio só se consolidam a partir do fim do período das Viagens Obrigatórias, para o início do período da Baixa Idade Média, por volta do século X até o século XV, com a valorização dos espaços internos das hospedarias e o “fim da caridade samaritana”⁷, segundo Nacif (2004) muitas hospedarias surgiram a partir do fechamento de mosteiros complementando a perspectiva de Thomazi e Baptista (2018) que, a partir do século XI as pousadas passam se tornar um negócio lucrativo ocasionada pela alta demanda de soldados, peregrinos e comerciantes. Subsequente a isso houveram um grande aumento no número de estalagens durante esse período, mudando o perfil da hotelaria, passando de uma atividade de caridade e misericórdia para uma atividade profissional como será analisado posteriormente. Todavia, podemos observar que as mudanças ocorreram por meio diversos motivos, onde:

Isso ocorreu em função de diversos aspectos, desde a questão de segurança, em contraponto à consolidação de grandes valores, que envolviam dimensões concretas e materiais, como às relativas à posse dos territórios e, também, dimensões mais filosóficas, em função de grandes embates do pensamento em transformação. (THOMAZI E BAPTISTA, 2018, p. 222).

Dentro dessa mesma análise, por conta da criação desses modelos de hospedagem houve a elaboração do Grêmio dos Proprietários de Pousadas, na Itália durante a Baixa Idade Média, que inferiu diretamente na criação uma grande demanda de visitantes, afetando

⁵ Disponível em: <https://www.paradoresofspain.com/#!/parador/>. Acessado em: 29 de maio de 2021.

⁶ Disponível em:

[https://www.bbc.com/portuguese/revista/vert_tra/2016/03/160316_vert_tra_caminho_santiago_canarias_ml#:~:text=O%20atual%20Caminho%20de%20Santiago,caminhada%2C%20percorridos%20em%20tr%C3%AAs%20dias](https://www.bbc.com/portuguese/revista/vert_tra/2016/03/160316_vert_tra_caminho_santiago_canarias_ml#:~:text=O%20atual%20Caminho%20de%20Santiago,caminhada%2C%20percorridos%20em%20tr%C3%AAs%20dias.). Acessado em: 29 de Maio de 2021.

⁷ Confederação Nacional do Comércio (2005, p.10)

significativamente o setor do gênero da época, credenciando mais de oitenta e seis hospedagens em um período menor que dez anos segundo Thomazi e Baptista (2018).

Ainda por volta do século XIII, graças as viagens a cavalo, as estalagens possuíam estábulos, que forneciam cuidados aos gados e animais dos viajantes. Nesse período as hospedarias se segmentavam em dois blocos, as estalagens e os estábulos a parte estalagens eram formadas por várias casas pequenas com uma única forma de chegar à rua, onde apenas soldados de alta patente e membros da nobreza tinham acesso. Segundo Thomazi e Baptista, (2018), geralmente as pessoas mais pobres se abrigavam nos estábulos, onde aproveitavam o feno e o calor dos animais nas noites frias.

Com o passar dos anos, as viagens que ocorriam por motivos de fé, também passaram a ocorrer por motivos de aventuras (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2005), ocasionando aumentos significativos nas viagens com fins comerciais e introduzindo os primeiros moldes das viagens de negócios (AMARAL JÚNIOR, 2008), através da importação de variadas mercadorias. Neste século também se consolida o turismo comercial, onde:

A partir do século XIII, portanto, as relações entre Comércio e Turismo tornaram-se mais sólidas, ficando difícil separar uma atividade da outra. Neste cenário surgiu a liga Hanseática, um grupo mercantil que controlava o comércio e as feiras em mais de 90 cidades, trazendo mercadorias de Novgorod, na Rússia, e comercializando-as com preços tabelados.⁸ Além de franquias e entrepostos no norte europeu, a Liga Hanseática organizava grupos de viagem para percorrer diversas cidades, visando mostrar aos viajantes sua organização e suas atividades mercantis. “Esses grupos eram acolhidos por pousadas já predeterminadas pela liga, onde eram tratados de forma diferenciada com massagens, vinhos e outras peculiaridades de cada região”, afirma Rui Aurélio Badaró, no artigo “O Direito do Turismo através da história e sua evolução”. Estavam plantadas as raízes também do turismo de negócios. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2005, p. 10)

O maior aventureiro que se tem registro é Marco Polo (1254-1323), Amaral Júnior (2008) relata que em 1271 ele viajou até a China permanecendo lá por mais de vinte anos. Ele ganhou destaque na corte de Kublai-Khan, iniciando uma famosa rota de comerciantes que buscavam produtos como seda e especiarias, pouco antes do período das grandes navegações.

Por volta desse período, as grandes cidades europeias passaram a reconhecer os estabelecimentos de hospedagens como hotéis (THOMAZI E BAPTISTA, 2018, p. 223). Porém a Europa só começa a mobilização de leis reguladoras para às atividades hoteleiras, nos anos de 1254 e 1446, respectivamente na França e Inglaterra, segundo Nacif (2004).

⁸ Confederação Nacional do Comércio (2005) adaptado de Boyer apud Badaró, 2005.

Londres, foi a primeira capital a reconhecer a atividade hoteleira de forma legal, transformando a nomenclatura da profissão passando a se chamar hoteleiro, termo perpetuado até os dias atuais. Todavia esse reconhecimento só veio a ocorrer após os anos de 1500, no início do período dos Antecedentes do Turismo Moderno que, de acordo com Thomazi e Baptista (2018), durou do séc. XVI ao séc. XVIII.

Ainda em meados do século XIV, as cidades passam a ser consideradas, fontes de cultura e conhecimento graças à ascensão do período renascentista (séc. XIV ao séc. XVI). Neste período, concebeu-se o início das viagens por conhecimento no meio europeu, por ser um período de efervescentes produções culturais e artísticas.

A busca por novas fontes de conhecimento, levou os jovens europeus a iniciar o chamado Grand Tour (séc. XVI). Esta seria uma viagem que durava por volta de três anos, que consistia em ser uma experiência turística para jovens diplomatas, negociantes e estudantes europeus de classe média ou membros do clero – de preferência acompanhadas por um tutor, geralmente um professor particular ou religioso. O objetivo era conhecer outros locais da Europa, tal como a Itália, considerado na época um dos redutos do renascentismo, onde uma viagem de educação e cultural não se tornava completa sem visitar o destino turístico. Ocorria também na época, a criação de círculos de aceitação onde, para as pessoas preencherem os requisitos mínimos dos ciclos sociais, este precisaria ter visitado locais que fizessem parte do Grand Tour, podendo acarretar um sentimento de inferioridade por parte de nobres que não cumprissem tais parâmetros, segundo Confederação nacional do comércio (2005); Amaral Júnior (2008); Thomazi e Baptista (2018).

Esse período de viagens por aventura, conhecimento e fé, é muito próximo historicamente e de difícil precisão. Logo algumas situações e períodos podem coincidir, isso consiste por ter dentro de um mesmo contexto variadas informações pertinentes, para a construção do ambiente hoteleiro, influenciando diretamente nas escolhas por informações que precisam ser detalhadas em demasia. Contudo, esse mesmo volume de conteúdo histórico aqui presente, tem por finalidade de apresentar as bases do turismo e da hotelaria urbana que conhecemos hoje. Segundo Thomazi e Baptista, essas bases se alinham com o período histórico em questão:

Coincide com o período da chamada Revolução Científica (final do século XVI início do século XVII), que provocou significativas mutações nos modos de compreender e criou as bases de pensamento para o surgimento do que se convencionou chamar de Sociedade Moderna. Nesse processo histórico, destaca-se o início da Revolução

Industrial, com a conseqüente urbanização, em bases mais próximas do que se conhece hoje. (THOMAZI E BAPTISTA, 2018, p. 222)

O século XVI se consagrou pela importância da criação das duas estruturas fundamentais para a sociedade nos moldes que conhecemos hoje, os hotéis e os hospitais. Mediante as informações da Confederação Nacional do Comércio (2005), as estruturas hospitalares, passaram a existir (1516), justamente por conta da hospitalidade e da caridade originária da época das peregrinações, influenciando os estabelecimentos a acolherem pessoas necessitadas de cuidados, como doentes e pobres, mas com o aumento do número de viajantes, ficou inviável o compartilhamento de pessoas doentes e sãs no mesmo espaço físico, culminando na criação de espaços de acolhimento e conseqüentemente no surgimento dos “hospitais” e “albergarias”.

No ano de 1512, segundo Cavalcante (2017), o hotel Wekalet-Al-Ghury foi construído na região do Cairo, sendo este considerado o primeiro hotel comercial construído no mundo. De acordo com Thomazi e Baptista (2018), este hotel foi criado especificamente, com a finalidade atender a demanda de mercadores que visitavam o Egito. Este hotel, acabou se tornando um grande marco para a hotelaria comercial e de negócios, revolucionando este seguimento.

Com passar dos séculos, iniciou-se o período do Turismo Moderno e seus Reflexos no Brasil⁹. Tendo início durante a Revolução Industrial na inglesa, esse período apresenta novos avanços tanto no turismo como no setor de hospedagens (THOMAZI E BAPTISTA, 2018; AMARAL JÚNIOR, 2008).

A princípio, a revolução contribuiu significativamente nas mudanças estruturais em cidades europeias, consolidando uma lógica industrial e um sistema de produção fabril. Graças a este grande sistema de produção, a burguesia, dona dos meios de produção, inicia uma jornada de viagens de aprendizado, com a finalidade de agregar conhecimentos referentes as tecnologias de produção ou até mesmo administrativas. (AMARAL JÚNIOR, 2008)

A partir deste século, nascem as máquinas movidas a vapor, e os cidadãos passam a exigir direitos, para a regulamentação do trabalho, como carga horária diária e ajuste salariais juntamente com a noção de tempo livre ou lazer, porém só após o final do século XIX são realmente validados. Nesse momento a urbanização já fazia presente na era moderna segundo Amaral Júnior (2008).

⁹ Esse período encontra-se melhor detalhado no decorrer do tópico 1.4: *O contexto histórico das mudanças: os meios de hospedagem no cenário nacional*, deste capítulo.

Segundo Thomazi e Baptista (2018), o século XIX, foi o auge da Revolução Industrial europeia, fazendo com que alguns países, iniciassem conflitos territoriais. Os conflitos produzidos na Europa, levaram coroa portuguesa a fugir de sua terra natal e buscar refúgio no território brasileiro. Este fato é crucial para desenvolver mudanças no regimento político do Brasil. Com isso a até então colônia de exploração, passa a ter um papel fundamental de abrigar a coroa e a corte portuguesa, que inferiu diretamente nas pautas que eram abordadas pelo pacto colonial, dando ao país uma nova relevância política. Essa chegada repentina, também afetou significativamente as relações de hospitalidade no país e o pouco desenvolvido setor hoteleiro.

Ao longo desse tópico, podemos perceber que assim como o motivo dos deslocamentos foram se modificando, a ponto de iniciar as viagens, vemos alguns exemplos de modificações no turismo ao longo dos anos. No entanto, assim como o turismo se originou através dos desdobramentos dos deslocamentos, algumas de suas práticas também foram se modificando e tendo novos usos.

Com isso, procuramos entender os desdobramentos político-territoriais do município de Nova Iguaçu. Onde, através da percepção da mudança dos deslocamentos para o turismo, vemos como o município, notabilizado inicialmente por suas vias de acesso, também se originou por meio dos deslocamentos. Mudando de cidade passagem, para ocupar um papel central na história da Baixada Fluminense.

1.3. A apresentação dos núcleos urbanos e as primeiras hospedagens no Brasil colônia

1.3.1. A apresentação dos núcleos Urbanos Coloniais

Enquanto a Europa desfrutava de seu sistema de produção industrial, o Brasil se encontrava na posição de colônia. Posição esta, que retardava seu desenvolvimento tecnológico, urbano, industrial etc.

No caso do Brasil, as divisões de terras das capitanias organizavam a estrutura de exploração, assim como incorporavam a colônia a cultura europeia, extraindo matéria prima ao passo que incentivava a chegada de mais portugueses para a nova terra.

Com o passar dos anos foram surgindo as primeiras construções coloniais, dando início a comunidades, que possuíam certas necessidades dentro do território brasileiro. Assim, se iniciou o processo de construção das cidades coloniais. Essas construções possuíam características distintas, que ambientavam uma tentativa, de igualar as capitanias colonizadas a

pequenas vilas portuguesas construídas através da mão de obra escravizada, vinda das colônias africanas (GOULART, 1978).

Onde, em linhas gerais “a produção e o uso da arquitetura dos núcleos urbanos coloniais baseavam-se no trabalho escravo” (GOULART, 1978, p. 27). A utilização do trabalho de mão-de-obra escrava compulsória era tida basicamente como regra, em virtude do modelo colonial regente na época. A finalidade de se evidenciar o fato, está em explicar que, o uso desse trabalho não se reflete no nível tecnológico precário da época. Segundo Goulart o tipo de mão-de-obra justifica o fator tecnologia, onde o mesmo completa a citação acima com a seguinte fala: “Por isso mesmo, seu nível tecnológico era dos mais precários” (GOULART, 1978, p. 27). Essa afirmação se mostrou insuficiente quando, se tratando desse contexto histórico, então a confrontamos com a seguinte fala:

Como é sabido, nessa época vigorava o chamado Pacto Colonial através do qual a metrópole proibia a fabricação de qualquer tipo de tecnologia na colônia, permitindo somente a importação de tecnologia a preços exorbitantes cobrados por Portugal. (RODRIGUES, p 29, 2006).

Essa relação de poder se dá, através de uma linha de pensamento econômico voltada para uma intrínseca relação de monopólio que se reproduz com o passar dos anos, através da exclusividade das relações comerciais entre as partes. Dentro dessa perspectiva, alguns autores entendem que as novas terras descobertas só poderiam ser colonizadas através de trabalho escravo, haja vista que “é preciso salientar, também, que somente haveria produção colonial se houvesse trabalho compulsório servil ou escravo” (CATANI, p 80, 1953). Nesta concepção, o lucro da colônia só se fazia real por conta da introdução de um reinventado regime servil e escravista implantado na América Latina (CATANI apud MELLO, 1953). Esse tipo de alegação é comum, quando se trata do território periférico a Europa. As mazelas deixadas pelo regime escravocrata são percebidas em todos os continentes, principalmente nas Américas.

O produto de tais políticas resultava por parte, como consequência do fato de Portugal possuir colônias, subalternizar, escravizar sua mão-de-obra, impor sanções e medidas contra a produção de novas tecnologias que auxiliassem qualquer tipo de trabalho. Principalmente as impostas aos escravos, com finalidade de coibir o avanço tecnológico da colônia como parte de um movimento estratégico do capital central da metrópole em relação a como os avanços econômicos da colônia poderiam ser prejudiciais a sua estrutura econômica. Nesse sentido, se controlaria o mercado e se inibiria qualquer tipo de competição, como parte de um “movimento articulado à montagem da economia-mundo capitalista, na qual a periferia colonial desempenha

importantes funções” (MORAES, 2009, p. 59). Tal qual, fazer parte da parcela de mercado consumidor/dependente da demanda fornecida, assim como a exploração de seus recursos.

Ainda que o Pacto Colonial restringisse a produção de tecnologia por parte da colônia, havia, dentro daquela estrutura colonial o desejo de se assemelhar com a metrópole por parte dos que obtinham riquezas. Tãmanha era o desejo, que sua necessidade refletia em suas políticas, uma das quais viria a ser atendida através da tentativa de reprodução arquitetônica e urbana da metrópole. Podemos perceber esse aspecto mediante a seguinte fala:

Pode se afirmar com segurança que durante o período colonial a arquitetura residencial urbana estava baseada em um tipo de lote com características bastante definidas. Aproveitando antigas tradições urbanísticas de Portugal, nossas vilas e cidades apresentavam ruas de aspectos uniforme, com residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas e paredes laterais sobre os limites do terreno. (GOULART, 1978, p. 22).

A imagem que esse recorte representa, evidencia como se deram as tentativas de reproduzir o espaço urbano da metrópole dentro da colônia, sem possuir as mesmas condições para que a tal manifestasse suas próprias características urbanas, reproduzindo núcleos urbanos entendidos como cidade. A tentativa de reprodução da conformidade arquitetônica das casas era construída de forma padronizada e, em certos casos, tal padronização era fixada nas Cartas Régias ou em posturas municipais (GOULART, 1978). Nestes modelos, nitidamente pode-se analisar o processo de expansão territorial signo da conquista a colonização moderna do continente americano, como um resultado da expansão europeia, como um movimento articulado à montagem de um modelo que possuía fundamentos que pavimentaram a economia-mundo capitalista (MORAES, 2009).

Dessa forma, mostra-se que a “colonização é -em essência- um processo de expansão territorial, (...) marcado pela conquista, domínio e exploração econômica de novas terras” (MORAES, 2009, p. 59). Contudo, a tentativa de integrar a colônia aos parâmetros da metrópole, faz com que a colônia busque estreitar as diferenças impostas a si, como extensão da metrópole, onde por incorporar tais elementos “A própria estrutura das administrações coloniais busca responder genericamente a algumas dessas diferenças ao estabelecer suas unidades de governo” (MORAES, 2009, p. 60). Essa relação iniciada no período colonial, evidencia como as ações do capital são contínuas, onde retrata-se a “modernização” como o único caminho plausível para o desenvolvimento, iniciando um movimento articulado de controle sob o capital periférico através da criação de uma falsa sensação de desenvolvimento, responsável pela manutenção desse sistema.

O controle político exercido pela metrópole, condicionavam às colônias a uma relação de dependência em amplos eixos (CATANI, 1953). Essa relação, ainda que desvantajosa para a colônia, cria um vínculo entre as partes. No qual o capital periférico, se estabelece tão dependente desse sistema, que procura alternativas para se assemelhar a metrópole, das quais uma delas é a tentativa de reproduzir o espaço urbano vigente na metrópole. Nesse sentido, afetando a forma como a arquitetura brasileira, moldada por mãos escravizadas, elaborasse núcleos urbanos, embasados nas antigas vilas portuguesas (GOULART, 1978).

1.3.2. A hospitalidade colonial e os passos iniciais da hospedagem comercial

Durante o período colonial, o ramo de hospedagem demorou a se consolidar. Muito disso se deve às antigas tradições ancoradas na hospitalidade samaritana com ressalvas, que como dito anteriormente, constava em exercer a tradição da hospitalidade como dever cristão mediante indicação comprovada através de uma carta de apresentação.

Naquele tempo, ser um bom anfitrião, também garantia uma forma de prestígio na sociedade, portanto, a relação entre hóspede e anfitrião, muitas vezes era baseada em interesse, podendo ser político ou material. Sobretudo era de bom tom, manter essas relações, pois geralmente os visitantes eram condutores de notícias e informações vindas de outros lugares. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2005)

Como a hospitalidade exercida variava de acordo com a credibilidade do hóspede, ainda se tinha como acomodações as casas-grandes dos engenhos e os ranchos. Estes especificamente, criados ao longo de caminhos abertos pelas atividades bandeirantes, forneciam comida e bebida, garantindo acomodações para visitantes conhecidos ou recomendados. Ainda assim, mesmo se o visitante não possuísse nenhum documento que provasse sua lisura ou qualquer tipo de recomendação, haviam algumas instituições de ordem religiosas¹⁰ que abrigavam tais pessoas, geralmente de origem pobre ou estrangeira. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2005; AMARAL JÚNIOR, 2008).

Apesar das imposições da metrópole, refletir diretamente na baixa demanda turística do Brasil, no Rio de Janeiro surgiram os embriões do que futuramente seriam as hospedagens com fins comerciais. A princípio, segundo a Confederação Nacional do Comércio (2005) as atividades iniciaram com as estalagens e casas de pasto, que prestavam o mesmo tipo de serviço

¹⁰ Como conventos, mosteiros ou terreiros jesuítas.

dos ranchos e construído sob condições semelhantes, próximo a vias e caminhos abertos por jornadas bandeirantes, onde em um mesmo trajeto era comum possuir mais de um estabelecimento de mesma finalidade pertencentes ao mesmo dono. Também era tido como prática comum, receber o pagamento por meio de gado ou algum escambo que pudesse favorecer o estoque e abastecimento desses estabelecimentos (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2005).

Ao passo que os núcleos urbanos iam se formando e se desenvolvendo, pouco a pouco surgiam locais que permitiam acomodações. As casas de cômodos, que forneciam moradia ao mesmo tempo que possuíam espaço para estabelecimentos de ofícios ou comércios, (GOULART, 1978) com passar do tempo sediam lugares para a criação de pensões (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2005).

O Brasil, só apresentou significativa mudança em estrutura após a chegada da família real portuguesa, que ao trazer sua comitiva ao novo mundo, fez com que o cenário político fosse alterado, permitindo a introdução de uma perspectiva de mudança em amplos eixos (FAUSTO, 2006).

1.4. O contexto histórico das mudanças: os meios de hospedagem no cenário nacional

Enquanto o século XIX propiciava à Europa um momento de avanço tecnológico, industrial e urbano, o Brasil padecia as consequências de ser colonizado. As inquisições do Pacto Colonial, deixava bem estabelecido, que a utilidade da colônia era ser paulatinamente explorada, servindo necessariamente para enriquecer a metrópole. Isso afetava diversas esferas, entre as quais, de acordo com Rodrigues (2006) toda e qualquer fabricação de tecnologia colonial era restrita, e só poderia ser ocasionada se importada a altos preços através da mão dos portugueses, além dos impostos e tarifas cobrados pela coroa.

Nesse período, as terras brasileiras ainda não possuíam estrutura para hospedar tamanha quantidade de pessoas. Tão logo, o desembarque dos portugueses às costas do Brasil, trouxeram a segunda desapropriação dos habitantes das terras brasileiras. No primeiro caso, foram expulsão dos ameríndios, abrindo espaço a colonização e no segundo momento a desocupação de imóveis, para abrigar a família real de Portugal.

A chegada repentina da coroa portuguesa, no início do ano de 1808, com centenas de pessoas (FAUSTO, 2006), culminou em um grande alvoroço, uma mistura de felicidade por parte dos que chegaram ao Brasil e indignação dos que tiveram suas casas tomadas pelo príncipe

regente. Todavia, a colônia não possuía suporte para hospedar tanta gente ao mesmo tempo, segundo Confederação Nacional do Comércio (2005), esse problema foi resolvido de maneira peculiar pelos portugueses, como podemos observar a seguir:

Como alojar toda aquela gente de uma hora para outra, numa cidade sem qualquer estrutura para isso? Apenas duas letras, “P.R.”, afixadas nas portas das melhores residências, resolveram o problema. A sigla indicava que o Príncipe Regente, em sua autoridade incontestável, tinha escolhido e requisitado aquele imóvel, que deveria ser desocupado de imediato por seus moradores para que nele se acomodassem membros da comitiva recém-chegada. A indignação de alguns dos despejados, a reverente resignação de outros e o protesto irônico dos cariocas de então traduziram a sigla como “ponha-se na rua” ou “prédio roubado” (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO, 2005, p. 17).

A coroa portuguesa, que graças aos conflitos ocorridos na Europa, passou a pensar no Brasil, como um porto seguro, ao qual, poderiam ter liberdade política de agir sem a interferência e pressão dos franceses. Este fato foi contraditório, se comparado ao que os portugueses faziam com suas colônias, contudo, a partir da saída da coroa para as novas terras, passaram a fazer do Brasil, uma extensão do domínio político português. O resultado de políticas retrógradas, organizadas de maneira a beneficiar somente Portugal, fez com que o Brasil estivesse em condições urbanas e industriais pouco desenvolvidas. Uma relação que foi sendo modificada politicamente, graças à vinda de figuras políticas importantes para o Brasil como políticos, juristas, altas patentes militares, e uma grande variedade de livros que vieram a compor a biblioteca nacional no Rio de Janeiro (FAUSTO, 2006). Ou seja, tornando as tomadas de decisões mais rápidas, já toda a ala política portuguesa estava no país.

Boris Fausto (2006) também nos diz que, assim que Dom João VI entrou no Brasil, passou a exercer sua autoridade para continuar suas negociações com os ingleses, até então inimigos declarados da França napoleônica. Uma de suas principais medidas, fora a abertura dos portos às nações amigas, passando a permitir que a até então colônia, pudesse fazer acordos legais com outros países. O príncipe regente também incentivou a produção de novas tecnologias e manufaturas.

Outrora, a chegada da comitiva portuguesa, evidenciou ainda mais os problemas que seus núcleos urbanos possuíam. Num primeiro momento, pode-se observar a defasagem dos meios de hospedagens ocorrida devido ao fato de que a colônia não poderia receber e nem fazer negócios com outros povos além dos portugueses. Portanto, as albergarias e pousadas da época não possuíam o mesmo desenvolvimento que as modernas hospedagens europeias, tendo

características bem próximas às antigas estalagens do velho continente. Tão logo, não possuindo capacidade para hospedar uma demanda tão grande de viajantes.

Entretanto, a chegada dos portugueses acarretara em muitas mudanças referentes ao cenário urbano brasileiro. A mudança de local das decisões políticas culminara na necessidade de desenvolvimento em algumas esferas, para sanar as vontades expressas dos recém-chegados. Podemos observar através de Fausto (2006), que essas mudanças foram imprescindíveis para se estabelecer um eixo administrativo na colônia, na qual:

A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da Colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. Entre outros aspectos, esboçou-se aí uma vida cultural. O acesso aos livros e a uma relativa circulação de ideias foram marcas distintivas do período. Em setembro de 1808, veio a público o primeiro jornal editado na Colônia; abriram-se também teatros, bibliotecas, academias literárias e científicas para atender aos requisitos da Corte e de uma população urbana em rápida expansão. (FAUSTO, 2006, p. 125)

Enquanto a coroa agia no Brasil para agradar sua elite incipiente, o velho continente continuava seu desenvolvimento mesmo em meio a conflitos. Foi quando, mais precisamente em 1810, houve um grande aumento de hospedagens pelo mundo, que inferiram objetivamente nas políticas de ampliação dos meios de hospedagens brasileiros, ocorridos não só por meio da coroa assim como por estrangeiros que visitavam a colônia. Segundo a Confederação Nacional do Comércio (2005), no decorrer do ano de 1818, os moradores, alugaram lojas comerciais para os franceses que - graças aos desdobramentos ocorridos no velho mundo - vieram a empreender nas estruturas, transformando-as em futuras casas de cômodos.

Após a independência do Brasil, vieram a ocorrer outras mudanças estruturais, onde, no final da década de 1830, segundo Thomazi e Baptista (2018), a corte brasileira a essa altura, já possuíam cerca de 11 hotéis só no Rio de Janeiro. Para os parâmetros das relações comerciais de uma ex-colônia, esse se torna um aumento plausível, haja vista sua antiga condição, ainda que, a coroa portuguesa tenha propiciado no país relações que mudariam as esferas políticas da América do Sul (FAUSTO, 2006).

Com o passar dos anos, já nas décadas de 50 os meios de hospedagens brasileiros foram se modificando; uma das causas para isso, foram as melhorias e acomodações oferecidas pelos trens, culminando na falência de algumas pequenas hospedagens, dando margem a criação de novas formas de hospedagens e serviços. Segundo Thomazi e Baptista (2018), no Rio de Janeiro já existiam em torno de 40 hotéis nesse período, ao qual os donos de hospedarias forneciam o serviço de “hospedagem casada” onde o hóspede só recebia acomodação e alimento se utilizasse algum dos outros serviços fornecidos pelo estabelecimento, como

escravos, guia, estalagens, etc. Esses mesmos comerciantes, costumavam cobrar de acordo com sua avaliação pessoal sobre o cliente, que partia de uma perspectiva visual de suas vestimentas, fazendo com que o preço das acomodações acabassem oscilando de forma desagradável.

Até o fim do século, grandes mudanças e transformações ocorreram nos meios de hospedagem, tanto no Brasil como no mundo. De acordo com Thomazi e Baptista (2018), durante a década de 1860 ainda possuíam diversos estabelecimentos, pouco críveis, que se intitulavam hotéis no Brasil, desde casas a pequenos restaurantes. Porém, até o fim da década os luxuosos hotéis implantados no país, introduziram o uso de *vouches* – cupons de hotéis, criados pelo inglês Thomas Cook em 1867. Este, por sua vez, mais tarde, em 1874, veio a criar o chamado *circular note*, aceitos em bancos, comércio, hospedagens e restaurantes. Cook também é responsável pela primeira viagem em grupo nos moldes como conhecemos hoje (AMARAL JÚNIOR, 2008). Com o decorrer do tempo, já no final do ano de 1879, só o Rio de Janeiro possuía algo em torno de 60 hotéis e 22 hospedarias (THOMAZI E BAPTISTA, 2018).

Por volta de 1913, já no Brasil republicano, inicia-se o tempo histórico chamado Turismo Contemporâneo. No cenário nacional de hospedagem, passa a segmentar as hospedarias por capacidade, variando entre tavernas, casas de pasto, estalagens e hospedarias, também possuindo características distintas nos serviços fornecidos (THOMAZI E BAPTISTA, 2018). O Brasil começa a desenvolver, de fato, uma certa vontade de se assemelhar às grandes centralidades europeias somente após a primeira e a segunda guerra mundial, como relatado por Thomazi e Baptista (2018):

No Brasil, o período representa dois grandes momentos do processo da implantação da Revolução Industrial. Uma primeira fase com o surgimento das fábricas, principalmente no sul e sudeste do país, com início nos anos de 1920, e desenvolvimento preliminar por toda a primeira metade do século. Após 1950, o Brasil incorpora a onda desenvolvimentista, difundida, especialmente pelos Estados Unidos, no pós-guerra, e, com isso, passa a investir fortemente no modelo capitalista industrial, com estabelecimento dos modelos de produção, e a incorporação de estratégias de marketing em todas as áreas. Tudo isso, é claro, interferiu no setor do turismo e, mais especificamente, na hotelaria, com a tentativa de apropriação de modelos e padronizações internacionais. (THOMAZI E BAPTISTA, 2018, p. 225)

A partir disso a hotelaria passa a apresentar novas formas de hospedagens, atendendo as necessidades das grandes demandas ocorridas dentro do meio urbano. Ao longo das principais rodovias construíram-se diversos hotéis de menor porte com estacionamento, que mais tarde vieram a se tornar o que conhecemos como motéis (THOMAZI E BAPTISTA, 2018). Estes tiveram significativa relevância principalmente nos Estados Unidos, país que

popularizou os hotéis de *midscale*, que mais tarde vieram a inspirar o modelo de hotéis da rede Accor.

Até o final dos anos 1990, a hotelaria já abrangia diversas inovações no cenário mundial. A mudança do clima dos hotéis familiares para o ambiente voltado para o lazer, negócios e outros setores culminaram na ampliação dos profissionais envolvidos com a hotelaria e com o turismo. A padronização fruto das grandes crises econômicas também se tornaram presentes no meio hoteleiro.

Com o passar dos anos, já no século XXI, inicia-se o período do Turismo Recente (THOMAZI E BAPTISTA, 2018). O ramo passa a fazer parte do cenário de mudanças política, socioeconômicas e tecnológicas. Com a fundação da AirBnB em 2008, acompanhando a era digital e a popularização dos *hostels*, proveniente dos megaeventos ocorridos em 2014 e 2016, como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos de Verão, no Brasil (THOMAZI E BAPTISTA, 2018).

CAPITULO 2: A FORMAÇÃO TERRITORIAL DE NOVA IGUAÇU E O SURGIMENTO DA BAIXADA FLUMINENSE.

Nova Iguaçu!
Terra linda e encantadora,
Desde os tempos de outrora,
Dos meus velhos ancestrais.
Tens uma história,
Cheia de belezas mil,
O encanto Fluminense,
É o orgulho do Brasil
Hino de Nova Iguaçu

2.1. - Formação Histórico Territorial de Nova Iguaçu.

Em princípio, é preciso de antemão realizar uma abrupta introdução sobre como surgiu o município de Nova Iguaçu. Deixar explicado que o objeto de estudo está acompanhado de fatores determinantes não só para sua formação histórica, assim como para a Região da Baixada Fluminense e a Cidade do Rio de Janeiro. Como cita Rodrigues (2006, p. 23):

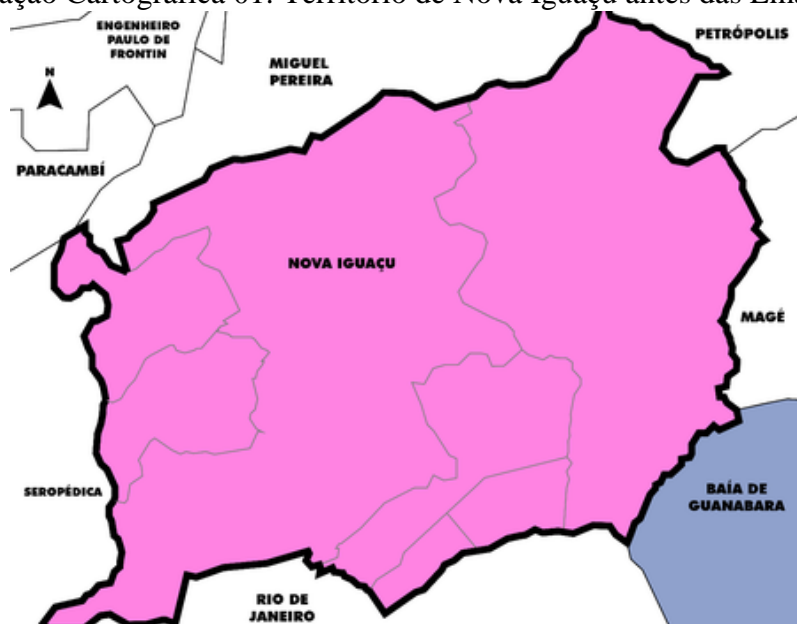
As primeiras sesmarias da Baixada Fluminense datam do ano de 1558. Nelas cultivava-se a cana-de-açúcar e através desse cultivo foram surgindo os primeiros engenhos que se dedicavam a atividade econômica predominante na época, a

fabricação de açúcar e aguardente. Em 1565, Estácio de Sá doou uma sesmaria às margens do rio Iguaçu a Cristóvão Monteiro, primeiro ouvidor-geral do Rio de Janeiro, por este ter se destacado na luta para a expulsão dos franceses. Com sua morte, suas terras ficaram nas mãos de sua viúva, que encontrou dificuldade para mantê-las, dando-as aos beneditos. (RODRIGUES, 2006, p. 23)

Enunciando o contexto histórico e como foi fundado o município iguaçuano e seus progressos, as mazelas que interferiram para que tais feitos se perpetuassem, contribuíram a priori que se fizessem úteis a sua formação. Os processos que deram forma ao planejamento urbano de Nova Iguaçu sua emancipação, ocorreram gradativamente ao longo dos anos. Como dantes fora e sesmarias, possuiu mais de um dono e por consequência, mais de uma administração. O perpasso das sesmarias compôs uma base ao qual, sendo passada adiante, fora a ela agregada anexos das demais terras vizinhas adquiridas pelos beneditos, formando a Fazenda do Iguassú, uma das mais antigas do Brasil (RODRIGUES, 2006, p. 22).

Dentro desse contexto, a forma como seu território se delimitou dentro de uma sociedade colonial, segue uma linha de sucessivas posses, até chegar às mãos dos monges beneditos e ganhar o título de freguesia curada por volta de 1719. No decorrer do processo de criação de seu território, a importância de seus cultivos, assim como principal via de acesso para o Vale do Paraíba, deram ao município uma certa notoriedade econômica. Porém, tal notoriedade foi acompanhada de alguns fatores prejudiciais a esse escoamento, tais como a baixa das marés, o entulhamento constantes no decorrer do rio e o baixo nível de água dos cursos no período de seca. (RODRIGUES, 2006, p. 23)

Representação Cartográfica 01: Território de Nova Iguaçu antes das Emancipações.



Fonte: Site extra.globo.com. Adaptado Divulgação/Prefeitura de Nova Iguaçu. Acessado em 20 de abril de 2021

Dentro desse contexto, é possível perceber que Nova Iguaçu, no decorrer do seu processo de construção, tem sido pioneiro antes mesmo de ser Baixada como região política. Desde o período colonial, pelos variados cultivos na região ao decorrer dos anos, diferentes transformações no espaço e na maneira em como esses cultivos foram sendo trabalhados, geraram associações que ponderam como se delimitou seu território, sua população e a exploração de sua mão de obra¹¹ não vinculada apenas ao conceito de estar assalariada. Assim como também, em sua história citada, a escravização formada pela parcela da população que é privada de méritos e vista periféricamente, tal como é e criminalizada contraditoriamente, pelo seu algoz. Podemos melhor analisar essa observação mediante a seguinte fala:

A Baixada Fluminense é um retrato em branco e preto do Brasil. (...) Começando pelo povo da baixada: 60 a 70% da população são de raça negra. Esse povo descende da situação criminosa e vergonhosa que foi a escravatura do Brasil. A maioria ainda vive hoje numa escravidão jurídica, mas numa escravidão que é de fato a marginalização. (...) A baixada é também um o espaço dos imigrantes expulsos da terra. São os irmãos brasileiros que foram escorraçados do Nordeste e de outras regiões do país, que vem buscar um novo espaço de vida, e aqui sofrem novamente. Sem esse povo, a cidade maravilhosa não se explica, não se mantém de pé, não vive. E é nesse contexto de Brasil injusto que devemos entender a Baixada Fluminense e sua população: Um lugar conhecido pela violência. Mas é preciso entender, antes de tudo, que é um lugar que sofre, padece violência (MORELLI, 1988, p. 23 apud RODRIGUES, 2006, p. 05).

Para que uma das principais atividades econômicas da época fossem extremamente lucrativas para a coroa, a mão de obra utilizada nesse período vinha das demais terras colonizadas pelos portugueses, “pioneiros nesta nova etapa (...), os melhores situados, geograficamente, no extremo da península que avança pelo mar” (PRADO JÚNIOR, 1945, p. 05), por conseguinte, tanto sua importação, compra, venda e escambo dos escravizados possuíam o aval da coroa Portuguesa. Portanto, ao sair do continente europeu, rumo a corrida comercial do século XV, os portugueses buscavam: novas rotas comerciais, lucrativas especiarias, assim como a busca por locais, que não houvessem concorrência para suas lucrativas empreitadas (PRADO JÚNIOR, 1945). Essa exploração, ocasionada e advinda desde o período supracitado, tem parâmetros incorporados pela metrópole em suas raízes até hoje.

As visitas as origens do município insipiente, evidencia como são latentes as percepções de ambientes, regionalizados e extrativistas, ainda que tendo destaque por suas vias de acesso e a importância de seus rios, fornecendo escoamento de mercadorias para a capital

¹¹ O termo citado, refere-se também a mão de obra escravizada, responsável por manter o lucrativo funcionamento dos engenhos.

colonial, e tendo em vista a dada viabilização de seus acessos para a expansão de atividades bandeirantes e as demais incursões por seu território, não explica a aplacável forma como se identifica a historicidade pouco registrada de sua região. Considerando o contexto histórico de sua formação, de onde demanda seus moradores e o contexto político e social da época descrita em questão, dificilmente seriam fabricados pela sua própria população, por várias implicações, conhecidas em ações, que, coíbiam o conhecimento de uma parcela considerável da população que compõe seu território, consolidando a percepção do cotidiano atual com ressalvas ao passado. Como cita Rodrigues (2006) no seguinte trecho:

Ainda no plano acadêmico, a escolha de fazer uma dissertação sobre a região de Iguazu foi reforçada pelo fato de que são escassos os trabalhos sobre a periferia do Rio de Janeiro, mesmo sendo esta, uma região de importância estratégica para o desenvolvimento do estado, tanto por concentrar boa parte da população, quanto do PIB estadual (RODRIGUES, 2006, p. 16).

Como evidenciado pelo autor, a estratégica importância desse município no desenvolvimento do centro urbano do estado é escassamente publicada em trabalhos, elevando a percepção do direcionamento dessa pesquisa para o olhar da Baixada Fluminense que é pouco creditada por seus méritos. Contudo, o fato de que sua formação, foi fabricada ao longo dos anos para atender a demanda da cidade do Rio de Janeiro, não pode ser negada. Onde mesmo fazendo parte do centro urbano, torna-se excluída de suas benesses. Mostrando como são estabelecidos a interação da mesma com o centro, desmitificando a reforma pela integração (social) e alocando para a verdadeira desigualdade, fabricada para ser trabalhada em projetos de longo prazo e pouco atendidos. Princípios semelhantes ao da obra “O Príncipe” de Maquiavel. Porém, pode-se melhor entender esse princípio, através da crítica feita por Carrasco (2011) em relação a integração das regiões centrais e seus entornos, pouco atendidas, onde, segundo o autor:

Desse modo, o desejo de se promover a integração social no e pelo espaço urbano somente se realiza como promoção de sua desintegração, expressando-se, em linhas gerais, na pequena escala (projetos e obras de edifícios isolados) através do esvaziamento do conteúdo de obras, e na grande escala (urbanismo e planejamento urbano) através do acirramento das desigualdades entre as áreas centrais e periféricas (CARRASCO, 2011, p. 10).

Ainda que tal interação, tenha a descabida ação da desintegração supracitada, a pontuação aplaina o caminho que dentre outros fatores, leva-nos a observar a relevância do município em relação aos demais municípios da Baixada Fluminense. O qual através da busca

pelo conhecimento privado de sua própria população, trouxe a inquietação e o espaço a crítica do capitalismo e do planejamento urbano. Onde ambos autores, tenham se convergido como viés para entender os “por quês” dentro desse trabalho e os motivos que dão ao município certa centralidade em relação aos municípios vizinhos¹², criando assim uma certa área de poder, no qual:

O município de Nova Iguaçu, fundado no ano de 1833 às margens do rio que lhe deu o nome, encontra-se localizado na Região Metropolitana¹³ do Rio de Janeiro. Durante seu processo de formação urbano-econômica Nova Iguaçu esteve sob influência direta do município-sede (M-S) do estado (Rio de Janeiro), ou seja, da ex- capital. (RODRIGUES, 2006, p. 16)

Tais fatores, geraram interesses nessa região contextualizando fatos que incrementam a necessidade de crescimento e expansão urbana frequente. Onde mais uma vez suas vias de acesso dão ao município certa importância, com a criação da Estrada Real do Comércio, a primeira via aberta do Brasil entre os anos de 1819 e 1820 para o escoamento do café do interior do país. Sendo de vital importância para a fundação do município de Iguaçu em 15 de janeiro de 1833, a estrada ligava Vassouras, Valença e Rio Preto com a sede imperial.

2.2. – A construção da identidade emancipacionista de Nova Iguaçu.

Dada a notória visão de sua importância econômica para a cidade do Rio de Janeiro, surgiram necessidades dentro de seu território, que a priori precisavam ser atendidas, dando origem a conversa de grupos e líderes de distritos para sanar problemas negligenciados por sua administração, culminando em sua emancipação e criando uma nova área de influência, através de novos núcleos administrativos (RODRIGUES, 2006), segundo o autor:

Explicando mais detidamente. (...) O processo histórico de crescimento da região gerou uma concentração de serviços, indústrias, comércios e portanto, empregos no município em questão. Tal fato, por sua vez, gerou no seio de grandes grupos de liderança de distritos do outrora, grande município iguaçuano, um certo tipo de “consciência” emancipacionista. (RODRIGUES, 2006, p. 17)

¹² Municípios vizinhos: Belford Roxo, Cava, Japeri, Mesquita, Queimados, Seropédica.

¹³ “São municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Japeri, Magé, Mangaratiba, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica e Tanguá.” (RODRIGUES, 2006, p. 16)

*Nota de Rodapé.

Outrora essa consciência, pode ser atribuída, não só a estas razões, assim como a complexo conjunto de motivações e políticas de determinados distritos. Esses motivos podem estar diretamente associados à sua identidade¹⁴ ou até mesmo dentro de um determinado contexto político e social dentro de seu território, porém, podendo estar ligados a ele ou não a partir de uma luta coletiva por autonomia de um grupo (SIMÕES, 2006).

Essa identidade local pode ser trabalhada através de um determinado movimento de indivíduos na busca de representatividade política para o seu território. Todavia, precisa de uma essência coletiva em diferentes graus que envolvam toda a comunidade e isso só é possível quando se estabelece uma identidade comum para todos, ainda que essa seja uma identidade legitimadora¹⁵ (SIMÕES, 2006).

Essas identidades podem sofrer alterações de acordo com os desejos de representatividade que o município possua e a partir desse aspecto trabalhar a consciência dentro do território com o qual mais se identifica, como relata Simões (2006):

No caso dos municípios, é necessário lembrar que as identidades não são imutáveis, logo, pode surgir um outro ente territorial que substitua a identidade anterior, em outras palavras, o antigo município pode não mais corresponder aos desejos de representação simbólica de um determinado grupo, que elege como seu e se identifica com outra parcela de território que pode ser um distrito, um conjunto de bairros ou uma fração qualquer do antigo município, que passa a ter, então, a dimensão simbólica e material do território a que se quer pertencer. Isto acontece, geralmente, quando se percebem as diferenças entre o lugar onde se vive e o “centro” do território municipal a qual se está legalmente subordinado. É o momento em que tornam sensíveis as relações assimétricas entre um “centro e uma periferia” (Reynaud, 1985). As pessoas passam a ter uma sensação de que dão muito mais do que recebem ou recebem muito menos do merecem (SIMÕES, 2006, p. 31).

Dessa maneira pode-se entender como o município deu seus primeiros passos para alavancar processos de emancipação de seu território, assim como os que vieram de dentro dele. A princípio o descaso com suas necessidades recentes, havia construído um tipo de descontentamento, que, uniu dentro de si, seus conselhos administrativos, formado por uma certa elite que tinham suas necessidades negligenciadas pela capital Rio de Janeiro.

¹⁴ “Todo indivíduo ou grupo tem uma identidade, mas ela é produzida, construída e elaborada ao longo de um processo. O fato de ter nascido em território brasileiro não faz de ninguém um brasileiro. As pessoas se tornam brasileiras. A própria identidade brasileira foi construída ao longo de quinhentos e poucos anos de história e tem sido transformada ao longo desse tempo, inclusive, definindo quem pode ser chamado de brasileiro”. (SIMÕES, 2006, p. 32)

¹⁵ “A identidade legitimadora, como o próprio nome já diz, é construída a partir de um grupo dominante através de suas instituições culturais que tem como objetivo expandir e racionalizar os mecanismos de dominação”. (SIMÕES, 2006, 38)

Esse movimento de descaso está diretamente atribuído à falta de empatia da administração carioca para com o município de Nova Iguaçu, ato que também pode ser atribuído diretamente a sua falta de representatividade no poder político da região. Não obstante, a falta de apoio ao crescente município e as políticas territoriais ao qual o governo vinha elaborando, trouxeram à tona um trabalhado sentimento identitário que deu início ao sentimento emancipacionista do município.

2.3. – A formação inicial da Baixada Fluminense por meio das Emancipações.

A construção dos movimentos emancipatórios vem, a partir da representação política que os bairros podem ou não possuir dentro desse território. Como falamos anteriormente, de acordo com Simões (2006) as emancipações não ocorrem de forma isolada, elas precisam da mobilização conjunta dos bairros, em detrimento da construção de sua identidade.

A função dos municípios dentro do território brasileiro era pouco valorizada, “embora existam desde os primórdios da colonização portuguesa no Brasil, o município só se tornou um ente federativo com a constituição de 1988” SIMÕES (2006, p. 14). Ou seja, ainda que a nomenclatura seja antiga, sua definição só ganhou peso de fato no século XX.

Entretanto, por mais que os municípios possuíssem determinada autonomia, não tinham força suficiente para cumprir suas funções constitucionais, sem conseguir abranger todo seu território por igual e com todos os aparelhos fornecidos pelo estado, ainda que, recebessem recursos do governo, era insuficiente para manter uma autonomia econômica, onde:

Essa autonomia é relativa, a medida em que os recursos financeiros continuam insuficientes para que os municípios possam cumprir as suas funções constitucionais, à medida que uma parte considerável das atribuições dos estados e da União foi sendo, sutilmente, transferida para os municípios sem as devidas dotações automáticas, obrigando-os a solicitarem estes recursos a governadores e órgãos federais, criando uma dependência econômica que é facilmente transformada em dependência política. (SIMÕES, 2006, p. 14)

No município de Nova Iguaçu as emancipações se deram basicamente, por conta da mesma representatividade negada a ele pela cidade do Rio de Janeiro. Outro fator determinante foram suas áreas de influência dentro de seu território, onde segundo Rodrigues (2006, p. 49) “A proximidade com a metrópole carioca fez com que Nova Iguaçu não exercesse influencia com seus distritos”.

Ou seja, sem uma força econômica adequada para prestar serviços à capital, que dessem relevância política ao município, as relações de influência dentro da cadeia administrativa de seus bairros, pavimentaram o caminho para as emancipações.

Mais detidamente falando, de acordo com Rodrigues (2006), os até então bairros que não faziam parte do grande centro, possuíam pouca assistência dos aparelhos públicos, alguns até tinham certa autonomia por conta da citricultura. Graças ao escoamento de mercadorias para a exportação nos portos da cidade carioca, foi gerado no seio desses bairros um sentimento, na qual entendia-se que a emancipação projetaria sua autonomia em amplos aspectos. Porém, Simões (2006) nos alerta que:

Entendemos que sem autonomia econômica não existe autonomia administrativa muito menos política, pois a incapacidade dos municípios em prestar os serviços básicos com recursos próprios os torna reféns de um jogo político que, em geral, caminha na direção de uma subordinação a interesses alheios a vontade da população local (SIMÕES, 2006, p. 14).

Esse foi o caso que afetou, não só Nova Iguaçu, como o até então bairro Caxias, que após sua emancipação em 1931, passa a se chamar Duque de Caxias, pelo interventor federal Plínio Casado. Este, também era responsável por indicar os prefeitos da cidade, devido ao autoritário regime da época. Ainda assim, sua primeira eleição só foi ocorrer em 1947 com o fim do Estado Novo e o realinhamento político da época (RODRIGUES, 2006).

Representação Cartográfica 02: As emancipações em Nova Iguaçu



Fonte: Site rio-turismo.com. Adaptado de Atlas Escolar da Cidade de Nova Iguaçu. Acessado em 20 de abril de 2021

Através da redemocratização do país, as forças políticas da Baixada se alinharam a partidos insurgentes, culminando numa reestruturação política, com a finalidade de se analisar separadamente as propostas de emancipação, “Em meio a reestruturação política administrativa que toma forma de uma assembleia constituinte Nacional e Estadual, vislumbra-se a possibilidade de um rearranjo territorial” (SIMÕES, 2006, p. 150).

Ainda que caminhassem juntas, as emancipações ocorreram em épocas diferentes, mas com a mesma motivação inicial que, levou os movimentos a continuarem persistindo mesmo tendo seus pedidos negados em um primeiro momento. O marco inicial da fragmentação que deu início a Baixada Fluminense foi a criação da Vila de Magé, em 1783, que mais tarde se tornaria o extinto município de Estrela em 1846. Mas as emancipações só de fato ganharam força após o fim do Estado Novo, através do realinhamento político e o surgimento de novos partidos, acomodando grupos políticos locais (SIMÕES, 2006).

Assim deram início ao ponto de partida dos demais municípios emancipados dentro do território de Nova Iguaçu. Em 1931, São João se aproxima de Duque de Caxias com a expectativa de ter melhorias administrativas e relega sua emancipação a segundo plano. Contudo, apesar do movimento ter partido de forma conjunta, como dissemos anteriormente, a mesma situação que ocorria em Nova Iguaçu, apenas mudou seu protagonista, partindo assim para Duque de Caxias. Insatisfeitos com a situação, São João alia-se ao grupo político de Nilópolis e através da recém-criada Constituição estadual de 1947, conseguem sua emancipação, criando os municípios de São João e Nilópolis. Apesar de conjuntas as emancipações, foram criados dois municípios distintos. Contudo, a real emancipação política de São João só veio a ocorrer na década de 50, pois a maioria dos políticos da região faziam parte do círculo de amizade do então prefeito de Nova Iguaçu Getúlio Moura (SIMÕES, 2006).

Após este ciclo de emancipações Simões (2006) ainda nos diz que, os demais municípios só vieram a conquistar seu desmembramento após um duradouro período de tensões políticas, pois, com as dissensões do período mais rígido do Regime Militar de 1964 a 1979, os movimentos emancipatórios perderam força, entrando em paralização.

Após um longo período de paralização, os movimentos emancipatórios voltam a ocorrer, por volta do ano de 1983 com a instalação da Nova República no estado do Rio de Janeiro. Sendo Arraial do Cabo (1985) e Itaíba (1986), os primeiros a iniciar suas emancipações. Contudo algumas tentativas de emancipações, como Queimados, Belford Roxo e Japeri só lograram êxito na década de 1990, onde embora fossem emancipados, só conquistaram de fato

a emancipação após as eleições de 1992. Mesquita vem de fato se emancipar somente no ano 2000 após três plebiscitos.

Representação Cartográfica 03: As regiões Turísticas do Rio de Janeiro



Fonte: Site rio-turismo.com. Adaptado de TurisRio. Acessado em 20 de abril de 2021

Esses desmembramentos no município de Nova Iguaçu, constituiu a região que nós conhecemos por Baixada Fluminense. Onde, como dito anteriormente, as influências políticas e administrativas, exerceram um papel chave na emancipação dos bairros. Essas influências, inspiradas pelo sentimento de insatisfação dos bairros, em conjunto com a precariedade das medidas tomadas para sanar seus problemas, culminaram em um movimento conjunto. Pois as partes envolvidas se identificavam, seja pelos problemas que possuíam ou pela insatisfação com a administração e políticas de Nova Iguaçu.

Porém, apesar das emancipações, alguns bairros não deixaram de depender de certos serviços fornecidos por Nova Iguaçu. Pois, mesmo com sua autonomia, ainda era preciso desenvolver as regiões, tanto politicamente quanto economicamente. Sendo assim, essa relação de dependência deu a Nova Iguaçu, certa centralidade em relação a Baixada Fluminense. Essa centralidade se reflete até os dias de hoje, onde pode-se conjecturar, que a mesma, afeta não só o turismo em sua região, como possui influência direta para atrair atenção de grandes bandeiras da hotelaria, tais como Mercure e Mont Blanc.

CAPÍTULO 3: A REDE ACCOR E A ENTRADA DA MARCA MERCURE EM NOVA IGUAÇU.

E tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo coração.
Colossenses 3: 23^a

3.1. A rede Accor e um breve histórico sobre sua formação.

A rede Accor, detentora de diversos bens e serviços no ramo da hospedagem, apresenta em sua história uma longa jornada de conquistas e inovações. Para melhor se fazer entender como se deram as aquisições, foram consultados sites fornecidos pela marca. Porém, com pouca precisão de dados históricos relevantes, como por exemplo em alguns casos, a fundação de uma marca ou quando uma mesma marca fora adquirida pela rede. Tão logo, esta pesquisa buscou acumular informações através de outras fontes, para complementar as informações fornecidas pela *timeline* do site da empresa, que faz um recorte resumido de seu histórico, a partir dos anos de 1960 a 2020.

Num primeiro momento o contexto de mudanças vindas logo após a grande crise de 1929 e o fim da segunda guerra mundial em 1945, fizeram com que um modelo de administração gerencial e cauteloso se fizesse presente no ramo hoteleiro. Essa nova proposta de gerenciamento fez com que, nos Estados Unidos ocorressem mudanças significativas nos modelos de hotéis. Segundo Thomazi e Baptista (2018), na época os hotéis norte-americanos seguiam padrões pré-definidos ao longo das principais rodovias e áreas suburbanas.

Foi durante a década de 1960 que os franceses, Gérard Péliesson e Paul Dubrule moraram nos Estados Unidos, onde ambos haviam se formado e trabalhavam para grandes empresas de informática, onde puderam observar de perto, como se dava o modelo hoteleiro suburbano que se instaurava ao longo das estradas estadunidenses.

Um exemplo de diferencial das acomodações nos hotéis de médio porte, era a padronização. Onde, os meios de hospedagem, geralmente hotéis e motéis possuíam estacionamento e um banheiro de uso comum por andar, algo completamente inovador para a época.

Não muito tempo depois eles retornam a França, e no ano de 1967 fundaram o que seria o embrião da rede Accor, a *Société d'investissement et d'exploitation hôteliers* (SIEH), abrindo o hotel Novotel Lille Lesquin. O hotel, foi construído nas redondezas da cidade de Lille

na França, seguindo a tendência de padronização americana. Todavia, com suas melhorias, tais como, em cada unidade de habitação um banheiro individual, dando maior privacidade aos hóspedes, além do excelente padrão de serviços para os hotéis da mesma faixa, inserindo café da manhã, o uso da piscina, da churrasqueira e até mesmo um escritório, inclusos na mesma diária, sendo uma grande inovação para os serviços de escala média da época (TRAVEL WEEKLY GROUP, 2015; ACCOR, 2018).

Visto o grande sucesso do Novotel, a SIEH deu início a sua expansão, no qual até o final de ano de 1979, já havia incorporado mais dois nomes ao seu portfólio de hotéis: o Ibis em 1974 e o Mercure¹⁶. Assim, se introduziu ao mercado segmentado de hotéis, dando início as categorias de hotéis econômicos e de *midscale* que até então eram inexistentes na França (ACCOR, 2018).

Já no início dos anos 1980, a SIEH entra no setor de luxo com a aquisição do hotel Sofitel; logo após, a sociedade entrou no seguimento de alimentos com a marca Jacques Borel Internacional, que na época era líder mundial no setor de *vouches* e restaurantes. No ano de 1983, a SIEH foi rebatizada com o nome de grupo Accor, a palavra sem tradução, apresenta duplicidade em seu sentido fazendo alusão aos acordos que a rede fechava em suas aquisições, assim como ao acolhimento que concedia aos seus hóspedes (ACCOR, 2018)

No ano seguinte, Pélisson e Dubrule foram eleitos gestores do ano na França pela revista *Le Nouvel Économiste*. Na mesma década a rede também, torna-se pioneira no ramo de bem-estar, com a criação da marca Thalassa Spa (TRAVEL WEEKLY GROUP, 2015; ACCOR, 2018).

O decorrer da década de 1990, a rede Accor continua a sua captação por marcas de grande porte do ramo de refeições gourmet e consegue adquirir uma famosa confeitaria de Paris a seu portfólio: a Lenôtre. É também nos anos 90 que a rede começa sua expansão nos Estados Unidos (TRAVEL WEEKLY GROUP, 2015; ACCOR, 2018).

Nos anos 2000, o grupo trouxe para sua frente a marca MGallery, criada para atender um público com necessidades individuais. A marca faz parte de uma coleção de hotéis boutique, constituída de hotéis diferentes compostos com essência, individualidade e história. A coleção faz parte do eixo Premium Internacional, sessão de luxo da Accor. Já no ano seguinte, a rede inaugura seu primeiro hotel Formule 1 Accor Hotels em São Paulo, trazendo um novo conceito de hospedagens econômicas, dinâmicas e compactas, privilegiando a estadia noturna e o sono.

¹⁶ Fundado em 1973 e adquirido em 1975. (Kanbara, 2010)

Até o final da primeira década do século XXI, a Accor assina o compromisso com o Pacto Global nas Nações Unidas, primando pela sustentabilidade e aderindo medidas para diminuir os impactos sobre o meio ambiente; a marca Mercure absorve a marca Pathernon, ampliando o número de hotéis, facilitando a administração e unificando benefícios. Quase no fim da década, o corre o lançamento da primeira versão do programa de fidelidade, A\ Club, e o lançamento da bandeira verde, Project Plant for the Planet (AGÊNCIA DE MARKETING DIGITAL, 2020).

A Accor já havia ingressado em quase todos os seguimentos da hotelaria até o ano de 2020. Diante da necessidade das grandes empresas do setor de negócios o grupo criou mais uma marca a Pullman, marca *Premium* para esse nicho de clientes. A rede também aderiu ao grupo diversas marcas do seguimento de luxo confirmando a liderança mundial através das aquisições da Fairmont, Raffles e Swissôtel, e consolidando uma parceria com a Banyan Tree; a rede inicia um movimento de segmentação com marcas específicas do grupo como Jo & Joe, Mama Shelter, 25hour Hotels, incluindo nomes que fazem parte de uma linha de design que inclui Hyde Hotels, Delano, SLS Hotels e Orient Express.

Com a aquisição da Onefinestay, líder no ramo de locação de casas de luxo a Accor entra no ramo do compartilhamento de residências luxuosas, todavia com o decorrer dos anos a rede busca construir novas marcas, reinventando conceitos, como o de escritório, caso específico da marca Coworking Wojo, assim como a sua entrada intensa no ramo de entretenimento e estilo de vida com a compra da SBE Entertainment e a empresa de eventos Paris Society e Potel & Chabot, uma das maiores especialistas no mundo. Atualmente a Accor conta com mais 170.000 colaboradores, 3600 hotéis, correspondente a 470.000 quartos em 92 países ao redor do mundo.

3.2. Programas de fidelização Accor.

A conceituada rede Accor, também trouxe para sua marca, uma forma de manter seus clientes satisfeitos e faze-los retornar a seus hotéis e usufruir de vantagens para melhorar sua experiência em seus estabelecimentos.

O primeiro programa de fidelização Accor foi o Aclub lançado em 2008, que surgiu através da unificação de seis programas instaurados e espalhados entre as marcas da rede pelo mundo, possuindo cerca de 2 milhões de clientes cadastrados em mais de 2000 hotéis pelo mundo (KANBARA, 2010).

O programa funciona através de um sistema de pontos, onde o cliente pode adquirir o cartão sem custos através de um cadastro, pontuando através de consumos dentro das redes participantes do grupo Accor, os cartões são segmentados por tipo, assim como os clientes, divididos por pontuação. Quanto maior a pontuação, maior as vantagens oferecidas (KANBARA, 2010).

Em 2019 a Accor apresenta seu novo programa de fidelidade a All – Accor Live Limitless, com o intuito de garantir o alinhamento das vantagens através de um sistema de pontuações semelhantes ao Aclub, porém o sistema de pontuação que antes não expiravam, agora passam a ter validade de 365, se até esse período o cliente não pontuar, seja através de hospedagem ou eventos fornecidos pelo grupo, os pontos expiram sem aviso prévio de acordo com informações do site Accor.

O programa conta com cinco diferentes status, Classic, Silver, Gold, Platinum e Diamond. O sistema de pontuação varia entre os status, sendo baseado no valor das diárias convertidos em euros, onde a cada 10 euros gastos o hospede acumula pontos.

Figura 01: Sistema de Pontuação por Status.

Pontos Rewards		EM TODAS AS MARCAS ACCOR PARTICIPANTES *	NO IBIS, IBIS STYLES E MAMA SHELTER	NO ADAGIO	NO ADAGIO ACCESS
 Classic	25	12.5	10	5	
 Silver	31	15.5	12.5	6.25	
 Gold	37	18.5	15	7.5	
 Platinum	44	22	17.5	8.75	
Pontos Status					
Para todos os Status	25	12.5	10	5	

Fonte: Site Pontos e Viagens, 2020. Acessado em 11 de fevereiro de 2021

Para atingir os status em cada uma das categorias depende do número de hospedagens ou dos gastos em euros por ano variando de 800 euros, ou o equivalente a 10 diárias até 10.000 euros.

Figura 02: Benefícios durante a reserva.

		CLASSIC	SILVER	GOLD	PLATINUM	DIAMOND
Benefícios durante a reserva						
Serviço de Atendimento ao Cliente ALL	+	✓	✓	✓	✓ Telefone dedicado	✓ Telefone dedicado
Tarifa para associados: até 10% de desconto Lista dos hotéis participantes	+	✓	✓	✓	✓	✓
Acesso antecipado a vendas exclusivas em all.accor.com.	+	✓	✓	✓	✓	✓
Disponibilidade de quarto garantida	+	-	✓ Lista de espera prioritária apenas para hotéis Swissôtel	✓ Até 3 dias antes da chegada	✓ Até 2 dias antes da chegada	✓ Até 2 dias antes da chegada
Suite Night Upgrade (Upgrade para Suite por uma Noite)	+	-	-	-	✓	✓

Fonte: Site Pontos e Viagens, 2020. Acessado em 11 de fevereiro de 2021

Figura 03: Benefício durante a estadia

		CLASSIC	SILVER	GOLD	PLATINUM	DIAMOND
Benefícios durante sua hospedagem						
Online check-in, Fast Check-out	+	✓	✓	✓	✓	✓
Acesso gratuito a internet em todo o mundo	+	✓	✓	✓	✓ Wi-Fi premium, se houver no hotel	✓ Wi-Fi premium, se houver no hotel
Chamadas locais grátis	+	✓	✓	✓	✓	✓
Jornal diário: entrega em formato digital ou no quarto	+	✓	✓	✓	✓	✓
Health club e instalações esportivas	+	✓	✓	✓	✓	✓
Desconto em tratamentos e produtos no spa do hotel	+	✓ 10% de desconto em tratamentos e produtos no Willow stream spa nos hotéis Fairmont	✓ 10% de desconto em tratamentos e produtos no Willow stream spa nos hotéis Fairmont	✓ 20% de desconto apenas nos hotéis Swissôtel 10% de desconto em tratamentos e produtos no Willow stream spa nos hotéis Fairmont	✓ 10% de desconto em tratamentos apenas nos hotéis Raffles Spa e no Thalassa sea & spa 20% de desconto apenas nos hotéis Swissôtel 10% de desconto em tratamentos e produtos no Willow stream spa nos hotéis Fairmont	✓ 10% de desconto em tratamentos apenas nos hotéis Raffles Spa e no Thalassa sea & spa 20% de desconto apenas nos hotéis Swissôtel 10% de desconto em tratamentos e produtos no Willow stream spa nos hotéis Fairmont
Desconto nas lojas do hotel	+	✓ 10% de desconto na loja do hotel Fairmont	✓ 10% de desconto na loja do hotel Fairmont	✓ 10% de desconto na loja do hotel Fairmont	✓ 15% de desconto nas lojas do Raffles 10% de desconto na loja do hotel Fairmont	✓ 15% de desconto nas lojas do Raffles 10% de desconto na loja do hotel Fairmont

Fonte: Site Pontos e Viagens, 2020. Acessado em 11 de fevereiro de 2021

Figura 04: Outros benefícios durante a estadia.

		CLASSIC	SILVER	GOLD	PLATINUM	DIAMOND
Benefícios durante sua hospedagem						
Online check-in, Fast Check-out	+	✓	✓	✓	✓	✓
Acesso gratuito a internet em todo o mundo	+	✓	✓	✓	✓ Wi-Fi premium, se houver no hotel	✓ Wi-Fi premium, se houver no hotel
Chamadas locais grátis	+	✓	✓	✓	✓	✓
Jornal diário: entrega em formato digital ou no quarto	+	✓	✓	✓	✓	✓
Health club e instalações esportivas	+	✓	✓	✓	✓	✓
Desconto em tratamentos e produtos no spa do hotel	+	10% de desconto em tratamentos e produtos no Willow stream spa nos hotéis Fairmont	10% de desconto em tratamentos e produtos no Willow stream spa nos hotéis Fairmont	20% de desconto apenas nos hotéis Swissôtel 10% de desconto em tratamentos e produtos no Willow stream spa nos hotéis Fairmont	10% de desconto em tratamentos no Raffles Spa e no Thalassa sea & spa 20% de desconto apenas nos hotéis Swissôtel 10% de desconto em tratamentos e produtos no Willow stream spa nos hotéis Fairmont	10% de desconto em tratamentos no Raffles Spa e no Thalassa sea & spa 20% de desconto apenas nos hotéis Swissôtel 10% de desconto em tratamentos e produtos no Willow stream spa nos hotéis Fairmont
Desconto nas lojas do hotel	+	10% de desconto na loja do hotel Fairmont	10% de desconto na loja do hotel Fairmont	10% de desconto na loja do hotel Fairmont	15% de desconto nas lojas do Raffles 10% de desconto na loja do hotel Fairmont	15% de desconto nas lojas do Raffles 10% de desconto na loja do hotel Fairmont

Fonte: Site Pontos e Viagens, 2020. Acessado em 11 de fevereiro de 2021 por Claudio Tusco

A All conta com marcas as seguintes marcas no setor de hotelaria da rede, variando entre quatro segmentos *Luxury*, *Premium*, *Midscale* e *Economy*.

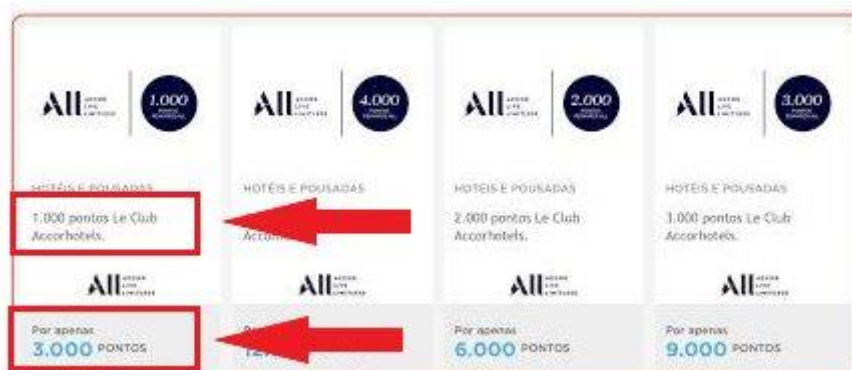
Figura 05: os hotéis Accor Live Limitless pelo mundo.

Luxury		Premium	Midscale	Economy
RAFFLES	ORIENT EXPRESS	mantis	mantra	BreakFree
BANYAN TREE	DELANO	Art Series	NOVOTEL	ibis
SOFITEL LEGEND	Fairmont	MONDRIAN	Mercure	ibis STYLES
SLS	SOY	swissôtel	adagio	greet
SOFITEL	THE HOUSE OF ORIGINALS	25h twenty five hours hotels	MAMA SHELTER	
RIXOS		MÖVENPICK	TRIBE	
		GRAND MERCURE		
		PEPPERS		
		THE SEBEL		

Fonte: site Loyalty Accor, 2021, acessado em 11 de fevereiro de 2021.

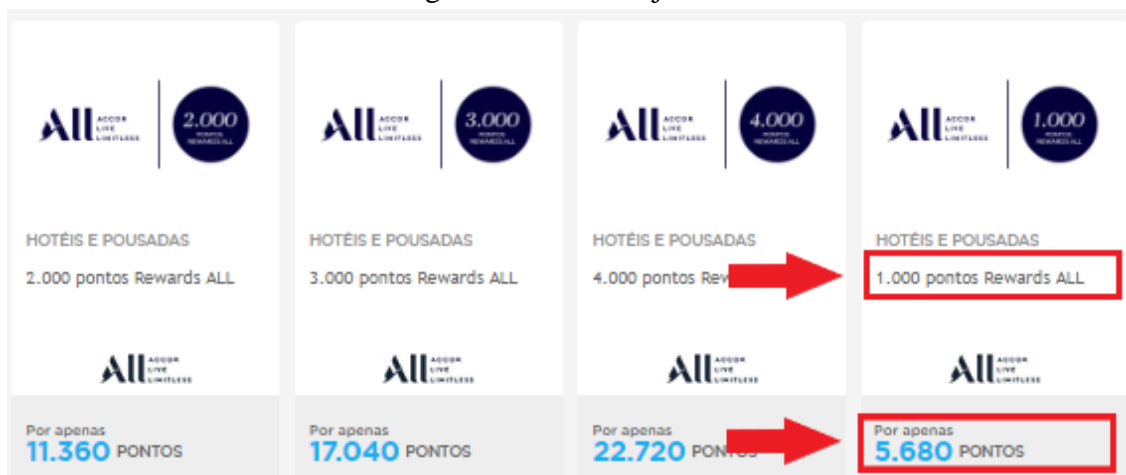
No programa, é possível transformar milhas em pontos de estadia assim como o inverso, dando ao cliente mais opções. Todavia em matéria postada pelo autor Claudio Tusco ao site www.pontoseviagens.com¹⁷ no dia 22 de março de 2020, a constatação que transferir pontos Latam Pass para Accor All teve um reajusto de quase 90%, tornando mais caro a conversão de milhas.

Figura 06: antiga tarifa de pontos.



Fonte: Site Pontos e Viagens, 2020. Acessado em 11 de fevereiro de 2021 por Claudio Tusco

Figura 07: tarifa reajustada.



Fonte: Site Pontos e Viagens, 2020. Acessado em 11 de fevereiro de 2021 por Claudio Tusco

A mudança ocorreu da seguinte forma a cada 3000 pontos Latam Pass, era possível trocar por 1000 pontos Accor All, o reajuste ocasionou uma mudança estabelecendo que a cada 5680 pontos Latam Pass para cada 1000 pontos Accor All. O significativo aumento das tarifas causou certa insatisfação por parte dos clientes que utilizavam o programa na época do ocorrido.

As informações sobre o programa foram consultadas no site Accor¹⁸. O programa conta com 7 vantagens organizadas da seguinte maneira:

¹⁷ Disponível em: <https://pontoseviagens.com/transferir-pontos-latam-pass-accor-all-ficou-mais-carro/> Acessado em 11 fev. 2021

¹⁸ Disponível em: <https://all.accor.com/pt-br/our-services/index.shtml> . Acessado em 11 fev. 2021

Programa de Relacionamento: Ao inscrever-se no programa, o cliente conta com um aporte em 92 países com mais de 2800 hotéis Accor espalhados pelo mundo cerca de 78% de todos os hotéis do grupo. Recebendo tratamento especial se hospedando nos hotéis participantes do programa, podendo conquistar pontos também por isso.

Atendimento ao Cliente em 12 idiomas: Incluindo inglês em tempo integral, o cliente pode contar com mais 11 idiomas de sua preferência, caso precise de algum suporte ou sanar alguma dúvida.

Check-in Online: Na reserva online o cliente recebe um e-mail com até dois dias de antecedência, para efetuar o check-in com maior praticidade, e no dia da chegada do hospede a chave estará pronta. Também apresenta vantagem no check-out, onde o cliente só necessita entregar a chave para efetua-lo de imediato.

Melhor Preço Garantido: Apresenta ao cliente All a proposta de melhorar a tarifa, se após o cadastro de reserva ser efetuado, o cliente encontrar uma diária mais barata, equivalente a mesma unidade de habitação, seguindo os mesmos parâmetros de sua reserva, com o mesmo tipo de quarto, mesmo número de pessoas e mesma data de hospedagem, em até 24h seguintes a sua reserva em um dos sites da rede Accor. Nesse caso, a empresa se compromete a oferecer a tarifa mais barata e ainda aplica um desconto adicional de 10%.

Ofertas Exclusivas e Promoções Especiais: Assinando a newsletter all.accor.com, o cliente recebe ofertas exclusivas durante todo o ano.

Comentário de Clientes Certificados: Todos os comentários disponíveis no site all.accor.com, escritos somente por pessoas que se hospedaram nos hotéis Accor, são disponibilizados ao hospede. São coletados anualmente mais de 3,5 milhões de comentários, para ajudar o cliente em sua escolha.

Hoteleiros a Seu Dispor: A rede hoteleira Accor, conta com mais de 170.000 colaboradores da marca ao redor do mundo. O grupo coloca ao dispor do hospede seus 45 anos de história e experiência adquiridos em 92 países.

Também inclui demais serviços do grupo Accor e parcerias, como a conversão de milhas aéreas em diárias, locações de automóveis, lounge em aeroportos, reserva em restaurantes entre outras vantagens.

3.3. A marca Mercure Hotels no Brasil.

A rede Accor inicia sua jornada no Brasil no ano de 1976, através do conceito de refeições convênios, assumindo a liderança no país com mais de 53 mil empresas vinculadas,

contando com pouco mais de 5 milhões usuários no país (KANBARA, 2010). No ano seguinte a rede Accor inaugura seu primeiro hotel, através da marca Novotel Morumbi, localizado em São Paulo, tendo como poderoso aliado a Embratur, que aceitou a proposta da Accor de desenvolver uma rede hoteleira no país (PEREIRA, 2006).

Como dito anteriormente, a Accor compõe em sua rede, diversos hotéis que foram integrados ao longo dos anos. Aqui, tentou-se reunir informações sobre a marca Mercure e suas origens, porém através de muita dificuldade em encontrar materiais teóricos, os poucos materiais disponibilizados através da marca e outros pesquisadores nos dão informações semelhantes a respeito das origens e composições da marca. Outro ponto de dificuldade em relação aos materiais disponibilizados pela Accor, estão nos poucos materiais informativos da própria rede, fornecidos em português, mesmo este estando presente no Brasil por mais de 40 anos de história hoteleira.

A rede Mercure foi fundada no ano de 1973 e adquirida pela Accor em 1975 (KANBARA, 2010), composta por duas bandeiras, Grand Mercure, que faz parte do portfólio *upscale* da rede Accor e Mercure Hotels que segue o padrão *midscale*, totalizando cerca de 955 hotéis em mais de 50 países no mapa da marca em seu site oficial¹⁹.

A maior parcela de hotéis corresponde a marca Mercure Hotels somando pouco mais de 755 hotéis, mais de 90 mil apartamentos pelo mundo, com por volta de 69 hotéis na América do Sul, sendo 59 presentes no Brasil, até a apresentação do presente trabalho.

A marca faz parte do segmento de *midscale* da rede Accor, o equivalente aos hotéis de 4 estrelas no mundo (KANBARA, 2010), seu principal público alvo está voltado para negócios e lazer.

O primeiro hotel Mercure do Brasil, foi inaugurado em 1998 na cidade de São Paulo. Um maior destaque ocorreu quando o diretor geral e sua equipe, trouxe personalidade a marca, mudando sua característica padronizada, adaptando-a a cultura brasileira, com a intenção de corrigir as falhas ocorridas com a Novotel no passado (PEREIRA, 2006).

Mesmo fazendo parte do padrão da faixa média de hotéis Accor, a marca apresenta três níveis de conforto Gran hotel, Hotel e Apartaments (KANBARA, 2010). A estrutura dos hotéis Mercure não seguem um padrão único, porém uma premissa linear, pois cada hotel da marca fornece a seus clientes um ambiente personalizado, inspirado na cultura local, mesclando

¹⁹ Disponível em: <https://mercure.accor.com/pt-br/world/hoteis-mercure-monde.shtml>. Acessado em: 10 fev. 2021 às 15:41h

sua história e seu empreendimento a cidade ao qual estão sediados, dando aos turistas uma nova perspectiva do hotel em cada cidade visitada.

Essa inspiração está ligada a estrutura física dos hotéis, espalhada nas cores, quadros, utensílios, objetos e serviços fornecidos pela marca, tal qual o “Safrá Mercure” serviço que apresenta uma lista específica de variados vinhos, indicados por especialistas com profundo conhecimento de vinhos nativos da região. Assim também parte de serviços do hotel, contam com pessoal treinado pela marca, para personalizar o serviço e dar praticidade ao atendimento aos hóspedes.

No Brasil, em 2006, a Mercure absorveu a marca Pathernon, rede de *flats* criada no Brasil em 1985. Em um momento produzido pela crise sofrida pela Novotel, sendo a primeira marca criada fora da França (PEREIRA, 2006), essa fusão tornou a marca Mercure a maior em rede de escala média presente no país e uma das maiores no mundo.

3.4. Mercure Nova Iguaçu.

No ano de 2012, a rede Accor inaugurou o hotel Mercure Hotel Nova Iguaçu. Este seria o número 63 no país e 66 na América Latina. Na época de sua implantação, o momento econômico do país era bastante propício ao investimento em turismo e hotelaria, impulsionados pelos megaeventos, Copa do Mundo Fifa 2014 e as Olimpíadas de Verão do Rio de Janeiro 2016.

Isso foi um atrativo para grandes investimentos no estado do Rio de Janeiro, principalmente nas áreas de grande tráfego de turistas. O que impulsionou o aporte das prefeituras, para reformas em suas vias públicas, assim como, manutenção de suas praças, calçadas e mudanças no tráfego. Isso culminou em obras e construções nas regiões centrais do estado.

Nesse período, o município de Nova Iguaçu, também conquistou investimentos, principalmente no ramo de construção civil e imobiliário. Dando início a uma demanda crescente de turistas corporativos. Isso afetou diretamente o município de Nova Iguaçu, tornando-o um importante destino de negócios.

Apesar do bom momento econômico, é necessário que o hotel possua um número de ocupação adequado para que possa se consolidar dentro de uma localidade. Mesmo que o estabelecimento possua boas estratégias em marketing e divulgação, boa parte da ocupação está centrada no fluxo de turistas e passantes que município tem a oferecer. Nesse sentido, Nova Iguaçu não deixa a desejar pois, dentro de seu território, o mesmo possui diversas opções de

lazer, patrimônios culturais, históricos e ambientais, assim como, a crescente economia têxtil, a indústria alimentícia e o crescimento no ramo de construção civil, propiciando demandas em públicos de lazer e negócios, mesmo nicho de mercado que o Mercure ocupa.

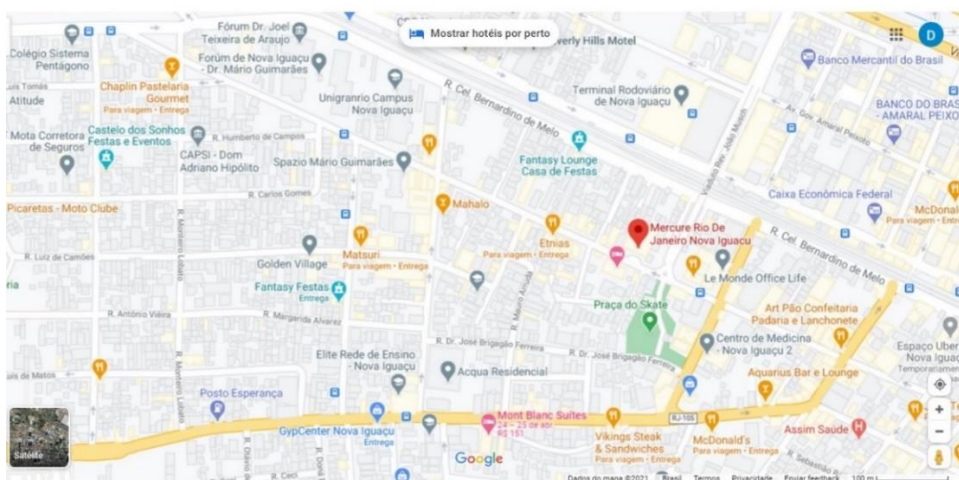
Figura 08: Fachada do hotel e área da piscina.



Fonte: Site Booking.com, 2021. Acessado em 11 de abril de 2021, autor desconhecido.

É válido observar que, as demandas do município de Nova Iguaçu, advêm desde antes da entrada do hotel no município. Essa demanda é construída por pessoas vindas, não só da Baixada Fluminense, como de outras regiões. Esse fluxo é devido a vários motivos, entre eles a busca por imóveis pelas suas regiões centrais, seus atrativos naturais e trilhas, assim como o público estudantil e universitário, este crescendo consideravelmente após as medidas de financiamento do governo.

Representação Cartográfica 04: Localização e entornos.

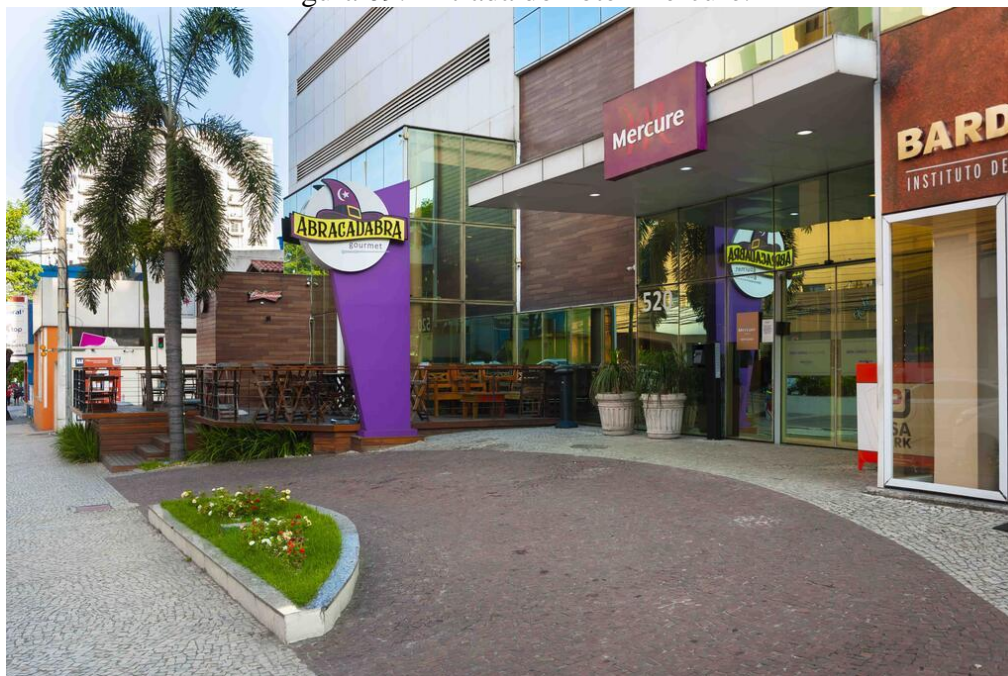


Fonte: Site Booking.com, 2021. Acessado em 11 de abril de 2021, autor desconhecido.

O hotel, situado na Avenida Doutor Mário Guimarães, nº 520, tem em seu entorno a estação de trem operado pela Supervia, o Terminal Rodoviário de Nova Iguaçu, no qual se é possível avistar com clareza a imponente fachada do hotel, estando próximo também a primeira pista de skate da América Latina, construída na mesma avenida. O hotel fica a 43 km do centro do Rio de Janeiro e aproximadamente 40 minutos do aeroporto Antônio Carlos Jobim, com facilidade as vias de acesso Via Ligth, Rodovia Presidente Dutra e Avenida Brasil.

Como se trata de um centro urbano, há poucas opções de atrativos naturais nos entornos do hotel, a opção mais próxima é o Morro do Vulcão que fica a aproximadamente 8 km de distância, apresentando a opção de trilhas aos turistas e aventureiros.

Figura 09: Entrada do hotel Mercure.



Fonte: Site Booking.com, 2021. Acessado em 11 de abril de 2021, autor desconhecido.

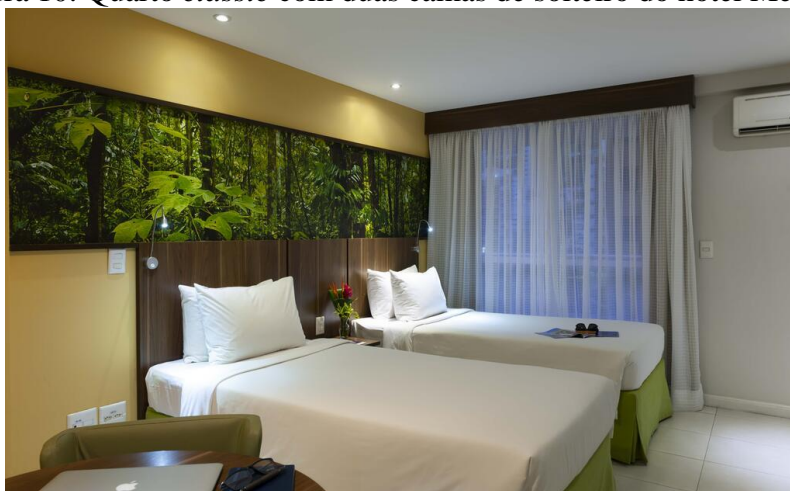
O Mercure recebeu um investimento na casa dos R\$ 23 milhões, captado através de parceiros e investidores do grupo Accor na região. O hotel possui um edifício dividido entre apartamento e hotel, ou seja, há no hotel moradores e hóspedes. Os moradores também possuem as mesmas opções que os hóspedes mediante ao pagamento de tarifas caso necessário.

O edifício possui 186 apartamentos, onde 173 quartos estão disponíveis para não fumantes segundo o site www.hoteis.com²⁰. O check-in pode ser realizado a partir das 14:00h e o check-out até 12:00h as acomodações que variam entre 23 m² a 45 m². As acomodações

²⁰ Disponível em: <https://www.hoteis.com/ho402485/mercure-rj-nova-iguacu-hotel-nova-iguacu-brasil/#:WO:wo1>. Acessado em: 22 de maio de 2021

classic costumam medir em torno de 23 m², o *room office* com tamanhos a partir de 32 m² e os quartos de tamanho superior a partir de 45 m², segundo o site do hotel. O número de camas pode variar entre duas camas de solteiro ou uma cama de casal, com exceção do *room office*, que consiste em apartamentos equipados como escritório, segundo o site ACCOR²¹.

Figura 10: Quarto *classic* com duas camas de solteiro do hotel Mercure



Fonte: Site Booking.com, 2021. Acessado em 11 de abril de 2021, autor desconhecido.

As unidades de habitação (UH's) são equipadas com ar condicionado, cafeteira, cofre, cama – de solteiro ou casal – guarda-roupas, mesa de trabalho, minibar, *wi-fi*, telefone, TV de tela plana com canais de TV com canais por assinatura disponível, canais via satélite e equipadas com uma tecnologia que permite a comunicação direta com o hospede através do televisor.

Figura 11: Quarto *classic* com cama de casal do hotel Mercure

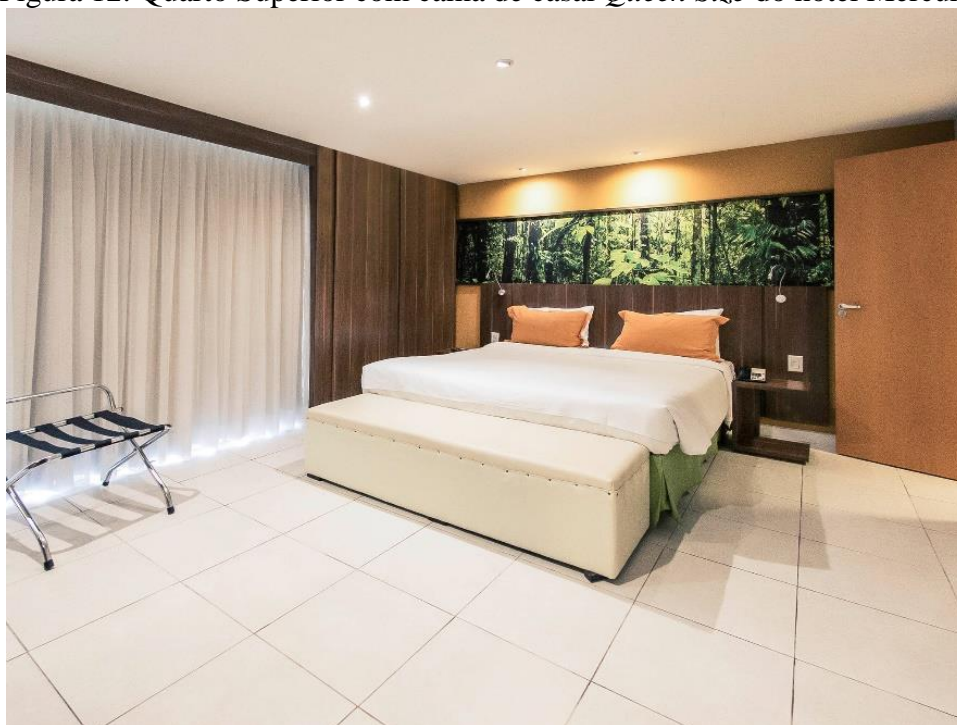


Fonte: Site Booking.com, 2021. Acessado em 11 de abril de 2021, autor desconhecido.

²¹ Disponível em: <https://all.accor.com/pt-br/our-services/index.shtml>. Acessado em: 11 de abril de 2021

Os quartos também possuem varanda, mesa de trabalho – separada por uma pequena área de estar – e são totalmente acessíveis para cadeirantes, sem diferença de nível entre os pisos e cômodos. Para uma melhor política entre os hóspedes e também presando pelo ambiente do quarto, não é permitido fumar dentro das dependências do hotel.

Figura 12: Quarto Superior com cama de casal *Queen Size* do hotel Mercure



Fonte: Site Booking.com, 2021. Acessado em 11 de abril de 2021, autor desconhecido

Além da nítida diferença no tamanho interior do quarto, os quartos superiores e suítes possuem um cômodo de estar, ocupada por uma mesa, com duas poltronas e uma cadeira bem ambientados no quarto. Também é possível perceber que os aparelhos de TV's variam de tamanho, indo desde 32' para o quarto *classic* a 42' para a categoria superior. As acomodações possuem três tipos de vista e podem variar a escolha do hospede, onde há quartos com vista para a piscina, montanhas ou para a cidade.

Figura 13: Quarto Superior com ambiente de estar do hotel Mercure



Fonte: Site all.accor.com, 2021. Acessado em 13 de abril de 2021, autor desconhecido

Os quartos têm capacidade para acomodar até dois hóspedes, onde crianças com mais de 12 anos, são tarifados como adultos no estabelecimento, cada um só pode ser reservada com pelo menos um adulto presente. O hotel não apresenta a possibilidade de conseguir um berço como cortesia, segundo o site booking.com²².

Figura 14: Banheiro privativo do hotel Mercure



Fonte: Site Booking.com, 2021. Acessado em 11 de abril de 2021, autor desconhecido.

²² Disponível em: <https://www.booking.com/hotel/br/mercure-rj-nova-iguassu.pt-br.html>. Acessado em: 21 de abril de 2021

Os banheiros são equipados com: produtos de higiene pessoal gratuitos da linha Mercure me, toalhas, chuveiro, vaso sanitário, secador de cabelo e papel higiênico. Todos possuem barras de apoio e pia baixa.

Figura 15: Sala de academia do hotel Mercure



Fonte: Site Booking.com, 2021. Acessado em 11 de abril de 2021, autor desconhecido.

Das dependências do hotel, além de diversas contribuições de equipes parceiras para os materiais e utensílios nas reuniões, o hospede também pode contar com academia, sala de cinema, deck molhado, sauna seca e a vapor, hidromassagem, piscina, um estacionamento de 3 andares e espaço para convenções.

Figura 16: Sala de reuniões do hotel Mercure

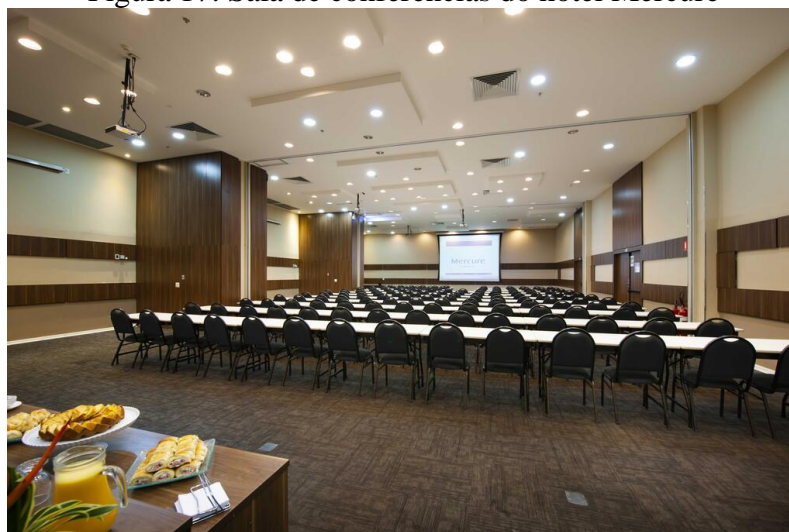


Fonte: Site Booking.com, 2021. Acessado em 11 de abril de 2021, autor desconhecido.

O hotel fornece o serviço de *Business Center* 24 horas, possui 8 salas de reuniões, com um espaço para conferencia de aproximadamente 490 metros. O uso das salas é tarifado, se solicitado o hotel também fornece o serviço de *coffe break*.

O hotel possui profissionais capacitados e bilíngues. Onde se encontram 3 opções de idiomas disponíveis aos hospedes, falados fluentemente, sendo eles: português , espanhol e inglês. Também é possível solicitar os serviços em qualquer idioma e em qualquer local do hotel.

Figura 17: Sala de conferências do hotel Mercure



Fonte: Site Booking.com, 2021. Acessado em 11 de abril de 2021, autor desconhecido.

A piscina é ao ar livre e fica aberta o ano todo, com horário de funcionamento das 10:00h até as 18:00h, a piscina possui uma parte rasa, permitindo acesso de todas as idades e tem a proposta de borda infinita, ideal para fotos. Na área da piscina estão disponíveis espreguiçadeiras e guarda-sóis, permitindo ao hospede um ambiente relaxante para os dias mais quentes. O hotel também possui uma área de lazer com sinuca e um jardim.

O centro de Nova Iguaçu possui uma dinâmica diferente entre os lados da Supervia. No lado oeste se encontra o Calçadão de Nova Iguaçu, com o comércio voltado para o fluxo de pessoas a procura de consumo a preços populares. O lado do Centro que o hotel se encontra habitam moradores de classe média com maior poder aquisitivo. Por esse motivo, o hotel possui em suas proximidades uma certa variedade empreendimentos locais, alguns já estabelecidos, como mercados e clínicas médicas, e outros idealizados após os investimentos no local, como prédios comerciais e apartamentos.

Nos arredores do hotel, concentram-se diversos estabelecimentos gastronômicos, alguns com atrações ao vivo, estes estabelecimentos são motivos de elogios, reclamações e indicações no site do hotel, por parte dos hóspedes por conta da sonoridade local e dos ruídos da Supervia.

Nas proximidades do hotel há algumas opções culturais, em especial os espaços culturais: Sylvio Monteiro, situado na rua Getúlio Vargas, nº 51, com exposições de artistas locais, shows e peças teatrais; e Anna Marcia Mixo, presente na rua Tabelaio Murilo Costa, nº 234, local repleto de atrações artísticas visuais, contendo um pequeno acervo com peças de época, artes plásticas e figurinos. Ambos estão localizados em um raio de menos de 1Km do hotel, permitindo uma caminhada de pouco mais de 10 minutos de distância.

É possível visitar a pé grande parte das melhores opções gastronômicas de Nova Iguaçu, que variam desde bares, comida brasileira, frutos do mar, massas, comida japonesa e *fast food's*. Essas sem contar as opções que há em praças de alimentação em *shopping's center*. Ainda que o hotel possua restaurante²³ próprio e deixe o café da manhã disponível aos hóspedes, também é possível encontrar padarias e confeitarias, sendo possível ao hóspede diferenciados cardápios fora das instalações do hotel.

No centro de Nova Iguaçu há dois *shoppings* principais, o Shopping Nova Iguaçu e o TopShopping, os dois estão localizados próximo ao hotel, porém em distâncias quase opostas. Estes apesar de próximos são opostos, tomando como ponto de partida o hotel Mercure, é possível chegar em menos de 10 minutos a pé, embora seja mais recomendado acionar algum meio de transporte.

²³ Restaurante Abracadabra, com culinária brasileira, servindo café da manhã almoço e jantar, com menu Buffet e à la carte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, é preciso explicar que, por conta da pandemia por COVID-19, durante a elaboração desse trabalho, a metodologia teve que sofrer alterações. Pelo fato do alto risco de contágio da doença, essas alterações, foram extremamente relevantes para a construção desse trabalho, uma vez que, impossibilitou a realização do trabalho de campo. Por esse motivo, o objetivo original não foi alcançado, contudo, foram realizadas reflexões sobre o processo de implantação do hotel a partir do contexto histórico.

O fato do mundo estar passando por uma pandemia de COVID-19 e suas variantes, com o agravamento do Brasil, o andamento da pesquisa ficou afetado significativamente. Fazendo com que o material bibliográfico, fosse de suma importância para a construção deste trabalho. Também é válido mencionar que, na busca por materiais fornecidos pela rede Accor, acabou por trazer alguns problemas que são tratados, muitas vezes, com certa normalidade. Como o fato da rede ter iniciado sua expansão de hotéis no Brasil em 1975, estar presente a mais de 40 anos na América latina, e possuir em seus registros poucos materiais para consulta em português ou espanhol, principalmente os endereçados a construção da rede e de suas marcas. Por essa razão, também, esse trabalho se distanciou da busca por dados quantitativos.

Tomando como base tudo que foi apresentado neste trabalho, podemos observar que, há uma relação proporcional que liga o progresso de determinados eixos da sociedade com o turismo. Pode-se melhor entender esse fator, à medida que os deslocamentos passam a se tornar viagens. Sendo esta transição, partindo de deslocamentos por motivos de sobrevivência, para as viagens de lazer, comércio, política, religioso entre outros.

Apesar dos inúmeros esforços, em tentar conectar os fatos históricos da formação geral do turismo, e alguns elementos locais, podem não ter sido suficientes, para alcançar o objetivo principal do trabalho. Onde, talvez essa explicação esteja em elementos interseccionais aos relatos históricos realizados aqui, como por exemplo, economia e mercado, que não foi possível pesquisar a fundo.

A transformação dos deslocamentos em viagens, iniciado em tempos remotos, até mesmo antes de Cristo, nos mostra como foram construídos os primeiros passos do turismo, da hospitalidade e da hospedagem, até chegar na profissionalização da hotelaria, assim como suas transformações para os moldes que conhecemos hoje.

Tal fato é, que tamanha fora essas transformações, que nos dias atuais o turismo é peça chave, na política de diversos países. Contudo, apesar das mudanças ocorridas no turismo com

o passar dos anos, a mesma, em alguns casos, demanda a interferência de agentes externos, para que de fato venha alavancar um processo de desenvolvimento, em amplos eixos.

Podemos melhor observar esse fator, através dos exemplos ocorridos na Grécia e na Roma antiga, nos fazendo entender, como os investimentos em hospedagem, mesmo em épocas remotas, puderam agregar valor à determinadas tradições culturais. Essas tradições, podem ocorrer pelos mais variados motivos, ainda assim, cada uma contribuiu para a construção da cadeia produtiva hoteleira e seus avanços para os moldes atuais.

Em contrapartida, ao desenvolvimento a longo prazo do setor no cenário internacional, no Brasil, por conta do colonialismo, o cenário político e econômico era completamente diferente. Onde as mudanças no setor do turismo e hospedagem, só foram ocorrer de fato, após a chegada da coroa portuguesa a colônia.

Ainda que as políticas iniciadas no Brasil colônia, fossem imprescindíveis para o desenvolvimento inicial do setor de turismo e hospedagem. Algumas lacunas, só puderam ser solucionadas com o passar dos anos, em outro cenário político e econômico do país. Com isso, empresas como a ACOOR puderam se consolidar no mercado nacional, trazendo para o país algumas de suas marcas e contribuindo para a formação da cadeia de *midscale* no país. Uma relação vantajosa, aja vista que a ACOOR também pode conquistar sua expansão para além da Europa.

Por meio da expansão da Accor, chegamos a um dos objetivos de estudo deste trabalho, a marca Mercure. A partir dessa perspectiva, observamos, que esta, que faz parte do nicho de escala média da rede Accor, tem como uma de suas finalidades a identificação com o local onde se encontra. Essa identificação se traduz, não só na faixa de mercado, como também por meio da apresentação física e sensorial dos hóspedes dentro do hotel. Assim, observamos no Mercure de Nova Iguaçu, suas identificações com o município que está inserido.

No interior das UH's, observa-se em destaque as cores verde e laranja, remetendo a importante época da citricultura no território, fazendo referência direta aos laranjais. Também foi possível constatar, com base em matérias divulgados pela Accor, que a marca Mercure busca trazer a experiência gastronômica em seus restaurantes e em sua cartilha de vinhos. Essa experiência propicia ao cliente, a oportunidade de consumir pratos típicos e os vinhos da região. Todavia, por conta da pandemia, não foi possível constatar quais seriam as opções disponíveis em Nova Iguaçu, e nem se o estabelecimento possuía relação de parceria com produtores locais.

Outrora, em virtude do isolamento, raramente teríamos uma oportunidade de entrevistar os executivos responsáveis pela implantação do hotel em Nova Iguaçu. Também,

não foi possível a entrevista direta aos colaboradores, o que impossibilita ter precisão em saber quantos deles, moram de fato em Nova Iguaçu. Optou-se, portanto, o caminho mais seguro para buscar informações sobre a rede, ou seja, as que foram fornecidas pela rede em seu site oficial e em materiais de outros autores que já tenham tido contato com a rede anteriormente. Mesmo assim, o material aglutinado, estavam pulverizados por diversas instituições.

No tocante a localidade, foi possível observar, como o município de Nova Iguaçu, possui importância na região que ocupa na Baixada Fluminense. Além de contribuir historicamente para formação da região, seus serviços e atrativos naturais contribuem, para formação da demanda turística, do público de faixa média a procura de negócios e lazer.

No trabalho, buscou-se também, apresentar as origens do município iguaçuano, para evidenciar sua importância, assim como mostrar a construção da Baixada Fluminense, a partir das emancipações procedentes do município. Esse fator, tem por finalidade apresentar a localidade ao qual o hotel se encontra, além de evidenciar a importância que tem, assim como a que o hotel possui para a rede. Pois, assim como o Mercure faz parte de uma grande rede hoteleira, Nova Iguaçu, apresenta sua força e importância histórico territorial, dentro da Baixada Fluminense. Todavia, diferente do hotel, que no caso foi inserido a rede, aqui, é Nova Iguaçu, que por meio de emancipações e fragmentações de seu território, gerou a região da Baixada Fluminense.

REFERÊNCIAS:

ACCOR. **2018 Registration Document**. 2018. Disponível em <https://group.accor.com/en/Search/Search?query=2018%20Registration%20Document>
Acesso em: 11 fev. 2021

ACCOR. **2019 Universal Registration Document**. 2019. Disponível em:
<https://group.accor.com/en/Search/Search?ContentTypeName=&query=2019%20Universal%20Registration%20Document>. Acesso em: 11 fev. 2021

AGÊNCIA DE MARKETING DIGITAL. **Timeline**. In. NetGuaraná. 2020. Disponível em:
<https://accormemoria.com/timeline/>. Acesso em: 11 fev. 2021

ALENCAR, A. Revistas e Hotéis. **Rede Mercure inaugura hotel em Nova Iguaçu**. 2012. Disponível em: <https://www.revistahoteis.com.br/rede-mercure-inaugura-hotel-em-nova-iguacu/>. Acesso em: 11 fev. 2021.

ALL. Accor *service*. Disponível em: <https://all.accor.com/pt-br/our-services/index.shtml>.
Acesso em: 11 fev. 2021

AMARAL JÚNIOR, J, B, C. **O turismo na periferia do capitalismo: a revelação de um cartão postal**. [2008?], p. 665, Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:
<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3904/1/Jose%20Bento%20Carlos%20Amaral%20Junior.pdf> Acesso em: 6 mar. 2021.

BOOKING.COM. **Mercure RJ Nova Iguaçu**. 2021. Disponível em:
<https://www.booking.com/hotel/br/mercure-rj-nova-iguassu.pt-br.html>. Acesso em: 14 abr. 2021

BBC NEWS BRASIL. **O outro ‘Caminho de Santiago’ na Espanha que ninguém conhece**. Disponível em:
https://www.bbc.com/portuguese/revista/vert_tra/2016/03/160316_vert_tra_caminho_santiago_o_canarias_ml#:~:text=O%20atual%20Caminho%20de%20Santiago,caminhada%2C%20perc%20orridos%20em%20tr%C3%AAs%20dias. Acesso em: 29 mai. 2021.

CARRASCO, A. O. T. **Os Limites da Arquitetura, do Urbanismo e do Planejamento**. [2011?], p. 264, Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em:
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-02022012-101349/publico/TESE_ANDRE_CARRASCO.pdf Acesso em: 6 mar. 2021.

CARVALHO, D. B. Hospitalidade na odisseia de Homero: cuidado como viajante, reciprocidade e abuso da hospedagem na Grécia antiga. **Tur. Soc.** Curitiba, v. 10, n. 2, p. 01-26, mai. /ago. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/tes.v10i2.50430>
Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/50430/33159> Acesso em: 6 mar. 2021.

CATANI, A. M. **O que é Capitalismo?** 1. ed. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1984.

CAVALCANTE, B. S. S. Educação corporativa em hotéis: um estudo de caso no hotel SESC Copacabana. **CULTUR Revista de Cultura e Turismo**, Santa Catarina, v. 11, n. 3, Mai./Out. 2017, p. 26 - 57. Disponível em:
<https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/999/1479> Acesso em: 6 mar. 2021.

SABOURIN, E. Marcel Mauss: da dádiva a questão da reciprocidade*. **RBCS Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 23, n. 66, Fev. 2008, p. 131 - 138. Disponível em:
<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/08.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2021.

CISNE, R.; GASTAL, S. Turismo e sua história: discutindo periodizações. *In*: Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (SEMINTUR) 6. 2010. Caxias do Sul, **Anais...** Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul. 2010. Disponível em:
https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/09/Turismo%20e%20sua%20historia.pdf. Acesso em: 30 mai. 2021.

CNC – Confederação Nacional do Comércio. **Breve história do turismo e hotelaria**. Rio de Janeiro, Conselho de Turismo, 2005. Disponível em:
<http://cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/brevehistoricodoturismoedahotelaria.pdf> Acesso em: 6 mar. 2021.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 639. Disponível em: <https://mizanzuk.files.wordpress.com/2018/02/boris-fausto-historia-do-brasil.pdf> Acesso em: 6 mar. 2021.

GOULART, N. **O Quadro da Arquitetura no Brasil**. 9 ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 1978, Disponível em:
https://www.academia.edu/5010831/Quadro_da_Arquitetura_no_Brasil_Nestor_Goulart_Reis_Filho Acesso em: 8 mar. 2021

GRINOVER, L. A hospitalidade na perspectiva do espaço urbano. **REXHOSP Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 6, n. 1, jan./ jun. 2009, p. 04-16. Disponível em:
<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/download/214/284> Acesso em: 8 mar. 2021

Guia Geográfico do Rio de Janeiro. **Mapa das regiões do estado**. 2021. Disponível em:
<http://www.rio-turismo.com/mapas/regioes.htm>. Acesso em: 20 abr. 2021

HOTELNEWS. **Mercure inaugura hotel em Nova Iguaçu (RJ)**. 2012. Disponível em: <https://www.revistahotelnews.com.br/mercure-inaugura-hotel-em-nova-iguacu-rj/>. Acesso em: 11 fev. 2021

KANBARA, F. K. **O comportamento do consumidor na hotelaria corporativa e lazer – rede mercure**. [2010?] 48 p. Monografia (Especialização em Marketing) Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/i101490.pdf Acesso em: 9 mar. 2021

MORAES, A. C. R. **Geografia histórica do brasil: cinco ensios, uma proposta e uma crítica**. 1. ed. São Paulo. Editora Annablume, 2009, p. 152. Disponível em: <https://br1lib.org/s/geografia%20hist%C3%B3rica%20do%20brasil%20capitalismo%20territ%C3%B3rio%20e%20periferia>. Acesso em: 24 mai. 2021

NACIF, L.H. **A alta tecnologia e a indústria: como será o quarto do futuro?** [2004?] 48 p. Monografia (Especialização em Gestão e Marketing do Turismo), Universidade de Brasília, Brasília, 2004. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/394/1/2004_LuizHenriqueNacif.pdf Acesso em: 9 mar. 2021

Nova Iguaçu: Conheça a história da origem da Baixada. **Extra**. [S.L.]. versão *online*. 31 jul. 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/eu-sou-nova-iguacu/nova-iguacu-conheca-historia-da-origem-da-baixada-22537836.html>. Acesso em: 20 abr. 2021

PARADORES OF SPAIN. **Paradores**. Disponível em: <https://www.paradoresofspain.com/#!/parador/>. Acesso em: 29 mai. 2021.

PERAZZOLO, O. A.; PEREIRA, S.; M. M. C. SANTOS. Meios de hospedagem no contexto do turismo: considerações sobre o acolhimento e a formação profissional. *In*: Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (SEMINTUR), 6. 2010. Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul. 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/08/Meios%20de%20Hospedagem%20no%20Contexto%20do%20Turismo%20Consideracoes%20sobre%20o.pdf Acesso em: 9 mar. 2021

PEREIRA, Y.V. **Processo de formação de estratégias da Accor hotels do Brasil de 1974 a 2004**. [2006?] 169 p. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2006. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/950/1/arquivo1247_1.pdf Acesso em: 9 mar. 2021

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 26. ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1945, p. 368. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Prado%20Jr,%20Caio/Historia%20Economica%20do%20Brasil.pdf> Acesso em: 19 mai. 2021.

RODRIGUES, A. O. **De Maxombomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo.** [2006?] 118 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/41/1/cp148375.pdf> Acesso em: 9 mar. 2021

SIMÕES, Manoel Ricardo. **Cidade Estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense.** [2006?] 313 p. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2006. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-1139/a-cidade-estilhacada--reestruturacao-economica-e-emancipacoes-municipais-na-baixada-fluminense> Acesso em: 9 mar. 2021

THOMAZI, M.; BAPTISTA, M. Meios de Hospedagem no Turismo: Um Resgate Histórico. **RITUR Revista Iberoamericana de Turismo.** Penedo, v. 8, n. 2, dez. 2018, p. 216-229. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/download/5048/4699> Acesso em: 9 mar. 2021

TRAVEL WEEKLY GROUP. *In: ARCHIVE.IS. British travel & hospitality hall of fame awards.* 2015. Disponível em: <https://archive.is/En5aA>. Acesso em: 29 jan. 2021

TUSCO, C. Pontos e Viagens. **Transferir pontos Latam Pass para Accor All ficou quase 90% mais caro.** 2020. Disponível em: <https://pontoseviagens.com/transferir-pontos-latam-pass-accor-all-ficou-mais-carro/>. Acesso em: 11 fev. 2021

TUSCO, C. Pontos e Viagens. **Conheça o All: o programa de fidelidade da Accor.** 2020. Disponível em: <https://pontoseviagens.com/conheca-programa-difelidade-accor/>. Acesso em: 11 fev. 2021.

VIAJONÁRIOS. **As Termas Romanas de Bath.** 2020. Disponível em: <https://www.viajonnarios.com.br/termas-romanas-de-bath/>. Acesso em: 28 mai. 2021.